

FACULDADES EST  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

VANDERLEI RICKEN

**BIBLIODRAMA: UMA CONTRIBUIÇÃO À DEFINIÇÃO DE UM MODELO PARA  
USO NA IGREJA ADVENTISTA NO BRASIL**

São Leopoldo

2023



VANDERLEI RICKEN

**BIBLIODRAMA: UMA CONTRIBUIÇÃO À DEFINIÇÃO DE UM MODELO PARA  
USO NA IGREJA ADVENTISTA NO BRASIL**

Dissertação de Mestrado  
Para a obtenção do grau de  
Mestre em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Área de Concentração: Teologia Prática  
Linha de Pesquisa: Currículo, identidade e  
práxis educativa

Pessoa Orientadora: Marcelo Ramos Saldanha

São Leopoldo

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R539b Ricken, Vanderlei  
Bibliodrama : uma contribuição à definição de um modelo  
para uso na Igreja Adventista no Brasil / Vanderlei Ricken ;  
orientador Marcelo Ramos Saldanha. – São Leopoldo :  
EST/PPG, 2023.  
90 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de  
Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo,  
2023.

1. Bibliodrama. 2. Igreja Adventista do Sétimo Dia - Teatro.  
I. Saldanha, Marcelo Ramos, orientador. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

VANDERLEI RICKEN

**BIBLIODRAMA: UMA CONTRIBUIÇÃO À DEFINIÇÃO DE UM MODELO PARA  
USO NA IGREJA ADVENTISTA NO BRASIL**

Dissertação de Mestrado  
Para a obtenção do grau de Mestre em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Área de Concentração: Teologia Prática

Data de Aprovação: 25 de abril de 2023

PROF. DR. MARCELO RAMOS SALDANHA (PRESIDENTE)  
Assinado digitalmente

PROF. DR. IURI ANDRÉAS REBLIN (EST)  
Assinado digitalmente

PROF.<sup>a</sup> DR.<sup>a</sup> VANESSA RAQUEL DE ALMEIDA MEIRA (UNASP)  
Participação por webconferência

Assinado digitalmente  
por  
Marcelo Ramos  
Saldanha  
Data: 27/07/2023  
13:32:48 -03:00



Assinado  
digitalmente por  
Iuri Andréas Reblin  
Data: 27/07/2023  
18:42:40 -03:00





*Dedico este trabalho a Vandj, meu amor, por sempre acreditar em mim e me apoiar incondicionalmente em todos os meus projetos. Obrigado por ser a minha rocha, por me fazer sorrir quando mais preciso, e por ser a pessoa mais importante da minha vida. Este trabalho também é dedicado aos meus pais, Marino (in memoriam) e Ludmilla, que sempre me incentivaram a buscar o conhecimento e a superar os meus limites. Obrigado por tudo o que fizeram por mim.*





## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus pela oportunidade concedida. Gostaria de expressar minha gratidão a Deus por me guiar e me dar força durante a realização desta dissertação. Agradeço por me conceder a oportunidade de adquirir conhecimento e habilidades necessárias para alcançar meus objetivos acadêmicos.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Marcelo Ramos Saldanha, pela dedicação e disponibilidade durante todo o processo de elaboração desta dissertação. Agradeço também aos meus colegas de curso, que foram fontes de apoio e inspiração.

Agradeço à Faculdades EST por me proporcionar a oportunidade de realizar esta pesquisa, e a todos os professores que, direta ou indiretamente, contribuíram para meu desenvolvimento acadêmico e pessoal.

Por fim, agradeço aos meus familiares, amigos e amigas pelo apoio e compreensão durante esse período de dedicação exclusiva à dissertação.

Meu muito obrigado!



*A religião de Cristo jamais aprova a  
indolência física ou mental.*

Ellen G. White



## RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo analisar o uso do bibliodrama na Igreja Adventista do Sétimo Dia e identificar a possibilidade de desenvolver um modelo de bibliodrama específico para essa comunidade religiosa. Para atingir esse objetivo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, que examinou a literatura existente sobre o bibliodrama em outras correntes religiosas e sobre o uso do teatro na Igreja Adventista. A metodologia utilizada foi comparada com a possibilidade de aplicação para os adventistas, resultando em parâmetros sugestivos que podem ser utilizados com poucas adaptações. A dissertação fornece *insights* para a implementação do bibliodrama na Igreja Adventista do Sétimo Dia, que pode ser uma forma eficaz de tornar o texto bíblico mais próximo e pessoal. O estudo destacou a necessidade de adaptações específicas para as crenças e valores da comunidade adventista, e oferece sugestões para a aplicação prática do bibliodrama nessa comunidade. Em resumo, o estudo conclui que é possível e viável utilizar o bibliodrama na Igreja Adventista do Sétimo Dia, desde que adaptado de acordo com suas particularidades.

**Palavras-chave:** Bibliodrama Pastoral. Bibliodrama – Perspectiva adventista. Dramatizações em igrejas – Perspectiva adventista.



## **ABSTRACT**

This dissertation aims to analyze the use of bibliodrama in the Seventh-day Adventist Church and identify the possibility of developing a specific bibliodrama model for this religious community. To achieve this goal, a bibliographic research was conducted, examining the existing literature on bibliodrama in other religious movements and on the use of theater in the Adventist Church. The methodology used was compared with the possibility of application for Adventists, resulting in suggestive parameters that can be used with few adaptations. The dissertation provides insights for implementing bibliodrama in the Seventh-day Adventist Church, which can be an effective way to make the biblical text more personal and relatable. The study highlighted the need for specific adaptations to the beliefs and values of the Adventist community and offers suggestions for the practical application of bibliodrama in this community. In summary, the study concludes that it is possible and feasible to use bibliodrama in the Seventh-day Adventist Church, as long as it is adapted according to its particularities.

**Keywords:** Pastoral Bibliodrama. Bibliodrama – Adventist Perspective.  
Dramatizations in Churches – An Adventist Perspective.





## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>2 O QUE É O BIBLIODRAMA .....</b>	<b>21</b>
2.1 ORIGENS DO BIBLIODRAMA.....	26
2.2 SUA RELEVÂNCIA ECLESIAÍSTICA .....	31
<b>3 PRINCIPAIS MODELOS UTILIZADOS NO BRASIL.....</b>	<b>37</b>
3.1 BIBLIODRAMA PASTORAL.....	37
3.2 BIBLIODRAMA APRESENTADO POR ANETE ROESE .....	48
<b>4 O TEATRO E A IDENTIDADE ADVENTISTA .....</b>	<b>57</b>
4.1 ELLEN G. WHITE E A IDENTIDADE DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA .....	57
4.2 ELLEN G. WHITE E AS DRAMATIZAÇÕES .....	61
4.3 A IGREJA ADVENTISTA E AS DRAMATIZAÇÕES .....	68
<b>5 UMA PROPOSTA DE BIBLIODRAMA PARA A IASD.....</b>	<b>75</b>
<b>6 CONCLUSÃO .....</b>	<b>81</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>87</b>



# 1 INTRODUÇÃO

O bibliodrama é uma técnica de interpretação e reflexão sobre a Bíblia que utiliza elementos do psicodrama para explorar o significado dos textos sagrados. Pohl-Patalong esclarece que “o psicodrama é uma corrente psicoterápica que lida com conteúdos psíquicos, experiências e recordações problemáticas mediante a ação e o jogo, em vez de analisá-los.<sup>1</sup>” No contexto denominacional brasileiro, o bibliodrama é utilizado por diferentes igrejas e comunidades religiosas para promover o diálogo, a reflexão e o crescimento espiritual. Neste trabalho, são apresentadas as duas maiores vertentes de bibliodrama no Brasil - o bibliodrama pastoral de Loredana Vigni e o bibliodrama apresentado por Anete Roese - e será examinado como cada uma delas é aplicada em sua igreja de referência, Bibliodrama Pastoral na Igreja Católica e o Bibliodrama na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Além disso, consideraremos também a possibilidade de uso do bibliodrama na Igreja Adventista do Sétimo Dia, buscando compreender os desafios e possibilidades de sua aplicação em outros diferentes contextos religiosos. Há, no contexto da IECLB, outro modelo de dinâmica com o texto bíblico, o Bibliolog. Este, contudo, não será analisado nessa dissertação porque em sua forma básica não está inserido no universo das dramatizações bíblicas, que é o foco dessa pesquisa. O Bibliolog tem suas raízes judaicas como uma forma moderna de midraxa [midrasch], que seria uma espécie de busca de respostas de Deus na interpretação daquilo que está escrito, o fogo preto, acrescentando interpretações que preencham os espaços em branco, trazendo novas respostas para as perguntas da sociedade atual, o fogo branco.<sup>2</sup>

O objetivo geral desta dissertação é o de analisar o uso das dramatizações dentro da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) e verificar a possibilidade de desenvolver um modelo de bibliodrama que possa ser utilizado na IASD.

Com o objetivo de implementar efetivamente o bibliodrama na Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), é necessário atender a alguns objetivos específicos. O primeiro é conhecer e entender os benefícios e a relevância eclesial do bibliodrama. Em seguida, é preciso analisar as principais características e elementos

---

<sup>1</sup> POHL-PATALONG, Uta. **Bibliolog**: impulsos para o culto, a comunidade e a escola. Volume 1: formas básicas. São Leopoldo: Sinodal, 2023. p. 41.

<sup>2</sup> POHL-PATALONG, 2023, p. 40.

dos dois modelos de bibliodrama mais populares no Brasil, para determinar alguns parâmetros que facilitem o processo de implementação na IASD. É importante, também, identificar e avaliar possíveis desafios e obstáculos que possam surgir durante a implementação. Por fim, é essencial propor recomendações para a utilização eficaz do modelo de bibliodrama na IASD, a fim de garantir o sucesso dessa metodologia na igreja.

Para alcançar esses objetivos, será realizada uma revisão da literatura sobre os dois modelos de bibliodrama mais conhecidos no Brasil e será feita uma análise da perspectiva adventista em relação ao teatro e às dramatizações para avaliar a viabilidade de utilizar ou adaptar um modelo para a IASD.

O bibliodrama é uma técnica que permite as pessoas participantes explorarem o texto bíblico de forma mais profunda e sensível, através da oralidade e da dramatização participativa espontânea. A pergunta “O que é bibliodrama e como ele é utilizado em diferentes contextos?” é uma das primeiras questões a serem consideradas. Outras questões incluem: como implementar essa prática nas diversas igrejas, se existe uma receita pronta e válida que possa ser seguida por todas as denominações em diferentes regiões e contextos sem uma adaptação, e se igrejas que possuem alguma restrição ao uso de dramatizações podem ser beneficiadas com o bibliodrama. Todas essas questões levam ao seguinte problema de pesquisa: " O desafio das restrições às dramatizações na Igreja Adventista do Sétimo Dia e o potencial de contribuição do bibliodrama?"

Baseando-se nas características e crenças da Igreja Adventista do Sétimo Dia, a hipótese desta pesquisa é que a utilização do bibliodrama na Igreja Adventista do Sétimo Dia pode superar as restrições às dramatizações e contribuir de forma significativa para a transmissão eficaz dos ensinamentos bíblicos, fortalecendo a compreensão e a conexão emocional dos fiéis com as Escrituras Sagradas. A pesquisa buscará examinar os modelos de bibliodrama utilizados no Brasil e como poderão ser utilizados ou adaptados para manter a integridade do método e ainda atender às necessidades e expectativas das pessoas participantes adventistas.

A dissertação começa apresentando o que é bibliodrama e sua origem, bem como a sua relevância no contexto eclesiástico. No segundo capítulo, são apresentados os modelos de bibliodrama utilizados de forma mais intensa e representativa pela Igreja Católica e pela Igreja Luterana. No terceiro capítulo, são

examinados os parâmetros e perspectivas da Igreja Adventista do Sétimo Dia, incluindo sua abordagem ao teatro e às dramatizações, especialmente apresentados por Ellen G. White. A partir desses elementos, é proposta uma adaptação do bibliodrama para ser utilizado na Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Espera-se que, com esta pesquisa, sejam identificadas novas possibilidades de adaptação dos modelos de bibliodrama e que se possa propor uma abordagem de bibliodrama que seja adequada às expectativas e à perspectiva da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Acredita-se que essa abordagem poderá ser benéfica para a Igreja Adventista e poderá contribuir para o crescimento e desenvolvimento espiritual dos seus membros.



## 2 O QUE É O BIBLIODRAMA

Bibliodrama pode ser definido de várias formas. Cada autor destaca alguns elementos tidos por ele como mais importantes para serem destacados. Aqui, selecionamos algumas definições no intento de termos uma visão mais abrangente desse método.

Schneider-Harpprecht, já com o olhar da Teologia Prática, definiu o “bibliodrama como a encenação de histórias e textos da Bíblia por um grupo.”<sup>3</sup> Por outro lado, Markevičius o definiu de um modo mais genérico como “uma ação dramática baseada em um determinado texto”<sup>4</sup>. Pitzele, também olhando para o contexto bíblico, define-o como “uma forma de dramatização em que os papéis desempenhados são retirados do texto bíblico.”<sup>5</sup> Contudo, é importante demarcar que o bibliodrama é muito mais amplo e profundo do que uma dramatização, de modo que a dramatização poderá ser apenas uma etapa do bibliodrama. Encenar histórias bíblicas ou não bíblicas, de modo voluntário, atualizando as experiências pelas quais os e as personagens passaram e tornando-as mais reais, vívidas e profundas para as pessoas participantes, é o que sintetiza a experiência de participar de um bibliodrama. Ele é “uma forma de vivenciar a dinâmica de uma narrativa religiosa ou cultural, assumindo os papéis de personagens de tal narrativa.”<sup>6</sup>

Quando as pessoas participantes, de alguma forma, se identificam com um dos e das personagens e desejam participar da dramatização, podem vivenciar uma experiência inigualável e de uma ordem superior. Trata-se da experiência de sentir algo próximo ao que o e a personagem da história sentiu, enfrentou ou experimentou. Essa riqueza de sensações proporcionada pelo bibliodrama não pode ser igualada ao que se experimenta ao simplesmente assistir a uma dramatização. Até mesmo fazer parte do elenco da dramatização não proporciona tal riqueza experiencial. Quando se

---

<sup>3</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, C. O que é bibliodrama? **Estudos teológicos**, São Leopoldo, v. 32, p.126-137, 1992. p. 126.

<sup>4</sup> “Savoka bibliodrama reiskia dramani veiksmą pagal tam tikrą tekstą. (tradução nossa). MARKEVIČIUS, G. Asmenybės savivokos pokyčiai bibliodramos grupėje. **Psichologija**, v. 17, p. 126-143, 1997. p. 126.

<sup>5</sup> PITZELE, Peter A. **Scripture Windows**: towards a practice of bibliodrama. Los Angeles: Alef, 1998. p. 11.

<sup>6</sup> VAN DEN BERG, B.; SPEK, F. DER. The appropriation of symbolic language in worldview education through bibliodrama. **Education sciences**, v. 9, n. 2, p. 88-101, 2019. p. 89.

decore uma fala e a ensaie, para agir de uma determinada forma, perde-se a criatividade, a emoção do momento de improviso e o desejo de se sentir tocado a participar da seção de bibliodrama. A experiência de uma dramatização fica limitada, perdendo o efeito do inusitado que pode brotar no bibliodrama.

Para Vigni, disseminadora do bibliodrama pastoral, uma das vertentes do bibliodrama brasileiro, pode-se definir bibliodrama como:

um método que visa a uma aproximação do texto bíblico de forma ativa e participativa, tornando visível, simbolicamente, a cena com suas personagens, permitindo aprofundar a experiência destas e, inclusive, perceber e experimentar seus sentimentos e emoções.<sup>7</sup>

Aproximar-se do texto de forma ativa e participativa. A cena do passado é vivida, as personagens estão próximas, suas experiências, sentimentos, desejos e emoções, estão todos abertos à experimentação das pessoas participantes do bibliodrama. Ninguém é forçado a participar. Tudo se processa de modo voluntário, conforme o desejo de aproximação das pessoas participantes com o texto. Sintetizando, Vigni explica que

esse método expressivo e experiencial torna possível, em um grupo, “visualizar” um texto bíblico, tornando presentes suas personagens e permitindo capturá-las de fora ou experimentar por dentro suas emoções, seus sentimentos, sua força e suas motivações, em situações de vida e de relacionamento, nas quais todos podem se reconhecer. Assim, espelhando-se nelas, o participante encontra significados novos e muito profundos da Palavra, e que tocam sua vida.<sup>8</sup>

Essa participação voluntária pode se dar pela aproximação do texto, enquanto se visualiza o grupo atuando. Só em assistir as pessoas conhecidas do grupo se aproximando do texto na atuação, já se tem uma amostra, enquanto pessoa expectadora, desse sentir profundamente a experiência da história escrita no texto. Ao olhar ou vivenciar essa história, se vê a própria história, entendendo como o presente e o futuro poderão ser tocados, modificados e transformados. Essa vivência é tão profunda e impactante que o participante não volta igual como quando chegou.

---

<sup>7</sup> VIGNI, Loredana. **Bibliodrama pastoral na catequese**: manual geral do método, 140 ferramentas para um encontro expressivo e experiencial com o texto bíblico – para jovens e adultos. São Paulo: Ave-Maria, 2019. p. 19.

<sup>8</sup> VIGNI, Loredana. **Bibliodrama pastoral na catequese**: ferramentas expressivas e experienciais para comunicar o texto sagrado às crianças. 2. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2017. p. 10,11.



Roese, de uma outra vertente de bibliodrama brasileiro, também apresenta uma definição mais encorpada e detalhada. Para ela, o

Bibliodrama é um processo de interpretação de textos sagrados (em especial bíblicos) ou textos literários (em especial poesias) e textos orais – textos da vida cotidiana, relacionais e existenciais. É uma hermenêutica que privilegia o grupo como lugar de interpretação desses textos. Propõe uma leitura vivenciada do texto; propõe experimentar o texto, envolver-se com o texto como pessoa inteira – de corpo, alma e espírito.<sup>9</sup>

O sentido de interpretação de textos presente nesta definição nos mostra que o bibliodrama não é apenas uma interpretação teatral de um texto, mas uma interpretação hermenêutica do texto, baseada na vivência do grupo, como faz, por exemplo, a teologia da libertação e teologia feminista<sup>10</sup>. Nem todas as definições de bibliodrama navegam nessa direção hermenêutica, mas entendemos que essa é uma definição que premia a visão do texto baseada na vivência e experiência do grupo, diante de seus desafios e complexidade da vida em sociedade. Essa hermenêutica dá um grande peso ao grupo como intérprete do texto, de acordo com suas cosmovisões, pressupostos e filosofias. Esse método valoriza o vivenciar, experimentar e envolver-se com o texto para poder extrair uma nova leitura de um texto antigo.

A essência da tradução da palavra bibliodrama pode ser entendida como “livro em ação”.<sup>11</sup> “Bibliodrama (*biblio* = livro, *drama* = ação/movimento)<sup>12</sup> é um instrumento de intervenção em um grupo de indivíduos que se propõe a dialogar com os textos sagrados.”<sup>13</sup>

A própria tradução do termo bibliodrama remete ao movimentar aquilo que está escrito. Dinamizar o que está estático. Ressuscitar a força do texto “morto”, avivando a experiência leitora. Trata-se de um diálogo do grupo com o texto, no qual o texto fala e o grupo responde a essa fala na atuação. Não é um monólogo do texto, antes, é uma via de mão dupla, em que as pessoas participantes também têm voz ativa e participativa através da ação e do movimento.

---

<sup>9</sup> ROESE, Anete. **Bibliodrama: a arte de interpretar textos sagrados**. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2015. p.15.

<sup>10</sup> ROESE, 2015, p. 5.

<sup>11</sup> VIGINI, 2017. p. 9.

<sup>12</sup> ROESE, 2015, p. 16.

<sup>13</sup> SOUZA, Manoel Mendonça. **A importância da teoria dos papéis de J. Moreno para o bibliodrama**. 2014. 109p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

Roese, citando o bibliodramatista Heinz-Hermann Brandhorst, explica que o bibliodrama é

uma abordagem criativa e multidimensional de textos bíblicos e está relacionado a “um amplo movimento de conceitos e objetivos diversificados, em parte bem diferentes, que têm como fator comum a ligação entre Bíblia, criatividade e grupo.”<sup>14</sup>

A abordagem criativa do bibliodrama é uma recuperação daquela criatividade com a qual se nasce e se desenvolve na infância, mas que com o passar do tempo é subjugada e sequestrada pela formalidade e rigidez da vida. No bibliodrama ela é resgatada e passa a voltar gradativamente com a participação nas histórias dos textos em suas diversas dimensões. Para Leutar e Kreller, a Bíblia mostra que a criatividade faz parte do poder criativo de Deus no ser humano, pois, assim como Deus criou o ser humano, o ser humano pode ser seu criador e construir um novo mundo com Deus.<sup>15</sup>

O texto, no bibliodrama, consegue atingir diferentes e múltiplos campos do espectro humano, pois ele “é a descoberta, a revelação do drama inerente ao texto e a criação ou a vivência desse drama, ou a expressão criativa do movimento inerente a esse texto e reunido ao movimento inerente ao texto da vida atual.”<sup>16</sup>

No bibliodrama se resgata a cena que encanta o profundo do ser e que o transforma em um novo ser. Se descobre a criatividade que estava latente na alma, rompe o chão que esconde a vida criativa. Assim se consegue “‘tornar presente’ o trecho bíblico com suas personagens, o que permite um encontro real e verdadeiro com a Palavra encarnada, que se torna forte experiência de espiritualidade.”<sup>17</sup> Dessa forma, não só se aprende a história como se pode experimentar os sentimentos e as emoções dos e das personagens envolvidos na história.<sup>18</sup> “O encontro com a cena acontece *de dentro*, quando se faz parte dela; ou *de fora*, quando se olha o que nela acontece, a partir da interpretação das personagens, realizada pela pessoa facilitadora ou por outras pessoas participantes.”<sup>19</sup> O encontro do texto com o eu interior é proporcionado pelo bibliodrama.

<sup>14</sup> BRANDHORST apud ROESE, 2015, p. 16.

<sup>15</sup> LEUTAR, Z.; KRELLER, H. Primjena bibliodrame u socijalnom radu sa starijim ljudima. **Revija za socijalnu politiku**, v. 21, n. 2, 2014. p. 220.

<sup>16</sup> ROESE, 2015, p. 16.

<sup>17</sup> VIGINI, 2017, p. 11.

<sup>18</sup> VIGINI, 2017, p. 11.

<sup>19</sup> VIGINI, 2019, p. 19.

Como explica Roese, “todo processo bibliodramático tem como ponto de partida um texto.”<sup>20</sup> O texto, o livro, o *biblio*, é o início do processo que visa a uma aproximação e a um entendimento desse mesmo texto, quer seja pela hermenêutica envolvida ou pela experimentação e vivência dele. A base sempre será o texto, quer seja ele bíblico ou de outra natureza. Até mesmo textos da tradição oral, textos poéticos ou de outra tradição podem fazer parte da experiência do bibliodrama. No contexto europeu, o texto do bibliodrama geralmente se refere à Bíblia, mas essa não é uma limitação imposta,<sup>21</sup> pois o termo é amplo e se refere aos livros e suas histórias, no geral, podendo ser aplicado a toda e qualquer tradição religiosa, bem como aos contos de fadas, histórias populares, dentre outros. Roberto Daunis explica que o

Bibliodrama é uma palavra-sinal para desenhar formas determinadas de trabalho bíblico em grupo. É pôr em cena um texto ou uma história bíblica, tentando motivar os participantes para uma auto-atividade que possibilite uma participação pessoal.”<sup>22</sup>

Nele acontece uma conexão da pessoa com o texto, especialmente com o texto bíblico, pois sempre existe uma situação da vida que pode ser associada a alguma história bíblica. Assim, acontece uma conexão da pessoa ao texto, assim como do texto com a realidade do sujeito<sup>23</sup>. Acontece uma troca, uma conexão, um diálogo, não apenas entre texto e pessoa, mas de pessoa com pessoas. Por isso o bibliodrama sempre é vivido e desenvolvido em grupo, sendo esse um dos fundamentos da experiência bibliodramática.<sup>24</sup>

Por fim, o bibliodrama foge da realidade de um espetáculo em que as pessoas que atuam representam algo e os/as expectadores assistem. Nesse sentido, pode-se dizer que o bibliodrama é decolonial quando suplanta e rompe a lógica colonial de um teatro feito de atores e espectadores.<sup>25</sup> Todas as pessoas participantes podem ser expectadoras e/ou atores<sup>26</sup>. Podem ser espect-atores,<sup>27</sup> como propôs Augusto Boal

---

<sup>20</sup> ROESE, 2015, p. 17.

<sup>21</sup> AGTEN, J. Bibliodrama: Introducing stories from narrative traditions in the development of young people’s life orientation. **Education sciences**, v. 9, n. 2, p. 107, 2019. p. 3.

<sup>22</sup> DAUNIS, Roberto. Bibliodrama: um acesso à Bíblia no contexto pedagógico. **Estudos teológicos**, São Leopoldo, v. 40, n. 1, p.37-46, 2000. p. 38.

<sup>23</sup> LEUTAR; KRELLER, 2014. p. 220.

<sup>24</sup> VIGINI, 2019, p. 21.

<sup>25</sup> SALDANHA, Marcelo Ramos. Um teatro “não espetacular”: para além da catarse colonial. **Estudos Teológicos**, v. 58, n. 2, p. 356-369, 2018. p. 367.

<sup>26</sup> DAUNIS, 2000, p. 38.

<sup>27</sup> SALDANHA, 2018, p. 364.

em seu teatro do oprimido<sup>28</sup>, isto é, pessoas que rompem a parede erguida entre quem assiste e quem atua, exercendo o direito de participar de modo mais intenso da experiência de atuar. Inclusive, todas as pessoas que estão vivenciando o bibliodrama são motivadas e estimuladas a essa interação com o texto e com o grupo. Para Augusto Boal, “o teatro é uma atividade para todos os seres humanos.”<sup>29</sup> Sendo assim, o poder de atuar está à disposição de quem desejar e o bibliodrama propicia a quem desejar a liberdade de ser e de atuar. Isso faz com que as experiências de bibliodrama que brotaram na América Latina estejam “muito perto do teatro dos oprimidos de Boal e do movimento do teatro da libertação.”<sup>30</sup>

## 2.1 ORIGENS DO BIBLIODRAMA

De acordo com Roese, “o termo bibliodrama foi originalmente proposto por Jacob Levi Moreno, criador do psicodrama, como técnica no trabalho psicodramático para grupos.”<sup>31</sup> Mas quem foi Jacob Levy Moreno e por que ele nos interessa?

Os seguidores de Jacob Levy Moreno o consideram uma espécie de profeta, “tinha seus apóstolos, seu Evangelho, seus livros apócrifos. Os livros religiosos nos quais sua doutrina era exposta tinham reverberações profundas em todo o mundo intelectual.”<sup>32</sup> Moreno começou cedo, intuitivamente, a prática do psicodrama. O primeiro, aos cinco anos, baseado numa visão religiosa em que brincavam de ser deus no trono e os seus amiguinhos como anjos.<sup>33</sup> Ele declarou que o método de psicodrama surgiu a partir da própria vida, um psicodrama pessoal. Isso é evidente na declaração de Moreno: “Eu fui o primeiro paciente protagonista e diretor da terapia psicodramática, a uma só vez.”<sup>34</sup> Desde cedo, ele desenvolveu uma imagem pessoal profética, com direito a barba e roupa distintivas, o que resultou num certo reconhecimento diante das outras pessoas, ao ponto de elas levarem a ele outras

---

<sup>28</sup> BOAL, Augusto. **O arco-íris do desejo: método Boal de teatro e terapia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 28.

<sup>29</sup> BOAL, 2002, p. 28.

<sup>30</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1992. p. 127.

<sup>31</sup> ROESE, 2015, p. 14.

<sup>32</sup> MORENO, Jacob Levy. **Autobiografia**. São Paulo: Ágora, 2014. p. 27.

<sup>33</sup> MORENO, 2014, p. 33.

<sup>34</sup> MORENO, 2014, p. 48.

peças com problemas para que ele as ajudasse de alguma forma.<sup>35</sup> Uma imagem profética estava sendo construída.

Moreno era um grande contador de histórias e não as repetia, sempre inventava novas, modificava, o que dava uma sensação de encantamento.<sup>36</sup> A vida dele era, de certa forma, um teatro no qual ele representava ser um alguém diferente.

Como se lê no site da *Federação Brasileira de Psicodrama*, “até 1920, Moreno teve uma intensa vida religiosa. Fez parte de um grupo que fundou a ‘Religião do Encontro’”.<sup>37</sup>

Em 1925 ele fundou o Teatro da Espontaneidade, no qual, ousadamente, convidava o público a criar sua própria história, teatralizando-a de forma espontânea, no melhor estilo dos espetáculos da Commedia dell’Arte, realizados no séc. XVII, nas ruas da Itália multifacetada e rica em dialetos da época.<sup>38</sup>

Assim como ele mesmo teve sua vida enriquecida com o psicodrama, passou a convidar e a estimular o público para atuar de forma espontânea em suas intervenções e apresentações. Assim, “este teatro evoluiu para o teatro terapêutico. Notou-se que os atores, após representarem seus papéis, lidavam melhor com seus problemas pessoais.”<sup>39</sup> Essa participação do público era inovadora e promissora, começou a chamar a atenção para esse potencial terapêutico existente no psicodrama.

Apesar das diferenças que existem no teatro-fórum de Augusto Boal e no psicodrama, a maior semelhança entre eles é o de colocar-se no lugar da vítima da injustiça e compartilhar o dano sofrido.<sup>40</sup> Essa participação no drama estabelecia fortes conexões de empatia e despertava para ações na vida real que pudessem ser geradoras de uma nova vida, pois a vítima passava a assumir o protagonismo de

---

<sup>35</sup> MORENO, 2014, p. 49.

<sup>36</sup> MORENO, 2014, p. 52.

<sup>37</sup> Jacob Levy Moreno. **Federação Brasileira de Psicodrama**. Disponível em: <<https://febrap.org.br/jacob-levy-moreno/>>. Acesso em: 16 nov. 2022.

<sup>38</sup> AZEVEDO, T. **O Psicodrama de Moreno**. Psicoativo. Disponível em: <<https://psicoativo.com/2019/09/o-psicodrama-de-moreno.html>>. Acesso em: 16 nov. 2022.

<sup>39</sup> **MORASHÁ**. Jacob Levy Moreno. Ed. 35, 2001. Disponível em: <<http://www.morasha.com.br/biografias/jacob-levy-moreno.html>>. Acesso em: 16 nov. 2022.

<sup>40</sup> PFAFFENWIMMER, B. Wir in der Gesellschaft — die Gesellschaft in uns: Psychodramatische Betrachtungen zur Forumtheaterarbeit in Langzeitgruppen. **Zeitschrift für Psychodrama und Soziometrie**, v. 5, n. 2, p. 287–297, 2006. p. 295.

interpretar ela mesma a dor sofrida, buscando no fórum uma forma de solucionar o conflito em que está envolvida.

A religião passa a ser uma opção para lidar com essas questões que envolvem o outro; e a Bíblia passa a ter um destaque nessa visão. Segundo Azevedo, quando as pessoas não se sentem responsáveis umas pelas outras, é necessário que as instituições religiosas apliquem a autoridade para atualizar a pergunta de Deus para Caím: “onde está o teu irmão?”<sup>41</sup>

O bibliodrama foi desenvolvido como uma forma de psicodrama voltado para o religioso, utilizando a Bíblia ou outros livros e experiências religiosas orais.<sup>42</sup> Os benefícios e vantagens do psicodrama passam a ser vistos nessa prática, mesmo que de modo mais sutil, mas os benefícios do psicodrama aparecem no bibliodrama. A Bíblia, com suas diversas histórias, possui a capacidade de aglutinar e de potencializar as ações do psicodrama na vida das pessoas. Isso se torna ainda mais significativo para as pessoas que reverenciam a Bíblia como um livro inspirado por Deus e que agora podem se aproximar dela, sendo transformadas pela história, por meio da sua participação e por sua ação psicodramática. Como afirma Schneider-Harpprecht,

muitos textos da Bíblia apresentam simplesmente conflitos básicos do ser humano, o drama da vida em geral e o drama da vida de cada dia: nascimento e morte, adolescência, relações familiares, a relação entre homem e mulher, gravidez e a falta de crianças, infidelidade, divórcio, perdas, envelhecimento. Outros textos tratam de conflitos básicos da sociedade: violência, injustiça, pobreza e exploração, guerra e paz, servidão e libertação. E quase todos os textos relacionam os conflitos que exprimem com a dimensão religiosa, com Deus. O drama da vida nestes textos inclui o drama da vida dos leitores e os conduz facilmente a uma apresentação dramática e atual.<sup>43</sup>

Tudo na vida pode encontrar um correspondente bíblico que consiga abarcar essas demandas existenciais. O bibliodrama utiliza o potencial presente na Bíblia para tratar de forma integral as demandas do ser humano, abrangendo tudo e todos.

Vigini explica que “Jacob L. Moreno, fundador do psicodrama, concebeu-o como uma oportunidade terapêutica de comparar as vidas das pessoas com as das

<sup>41</sup> HASELBACHER, H.; KERN, S.; PFAFFENWIMMER, B. PsychodramatikerInnen sind HilfsregisseurInnen des Lebens: Interview mit dem Theologen und Psychotherapeuten Helmut Haselbacher. **Zeitschrift für Psychodrama und Soziometrie**, v. 13, n. 1, p. 117–124, 2014. p. 122.

<sup>42</sup> PFAFFENWIMMER, B. Bibliodrama-Ein Handlungsraum zur Veränderung von perfekt-spirituellen Rollenerwartungen [Bibliodrama: A psychotherapeutic space to change spiritual roles. **Zeitschrift für Psychodrama Und Soziometrie**, v. 13, n. 1, p. 83–93, 2014. p. 84.

<sup>43</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1992. p. 126.

personagens de um texto, para a resolução de conflitos e dificuldades de personalidade.”<sup>44</sup>

Apesar de ter suas raízes “no psicodrama, o bibliodrama foi aprofundado e desenvolveu-se como método específico em círculos teológicos, eclesiásticos e terapêuticos.”<sup>45</sup>

Na Europa e nos Estados Unidos, há muita pesquisa e muitas publicações sobre o bibliodrama e suas diferentes correntes de aplicação. No Brasil, o método é mais conhecido nos círculos eclesiásticos que exercitam hermenêuticas libertadoras de interpretação bíblica.<sup>46</sup>

A partir dos anos 1970, na mesma época em que o Teatro Boalino passou por um incrível aprofundamento, o bibliodrama passou por um aprofundamento em círculos teológicos e em igrejas.<sup>47</sup> Mas foi a partir dos anos 1980 que o bibliodrama “deixou de ser uma técnica e foi desenvolvido e aprofundado como um método de leitura e vivência de textos bíblicos na Europa e nos Estados Unidos.”<sup>48</sup> Tanto que, na atualidade, o bibliodrama é um método amplamente difundido nos países da Europa e nos Estados Unidos, apresentando diversas publicações.<sup>49</sup>

No Brasil, o bibliodrama ainda apresenta uma série de desafios<sup>50</sup>, ainda que esteja crescendo e se desenvolvendo gradualmente. O modelo de bibliodrama adaptado por Anete Roese foi desenvolvido e aplicado no Brasil em meados da década de 2000,<sup>51</sup> enquanto que “o bibliodrama pastoral começou a ser difundido no Brasil em 2015, mas os primeiros cursos aconteceram já em 2013, ministrados por seu idealizador, Giovanni Brichetti.”<sup>52</sup> Pode-se considerar que esse movimento é ainda muito novo, principalmente para o Brasil, mas é inegável que ele apresenta um grande potencial de expansão e de adaptação às diferentes vertentes religiosas, caso estas entendam como necessário ou desejado.

O bibliolog, um bibliodrama na versão de Pitzele, é um método concebido há cerca de 25 anos, nos EUA, pelo estudioso literário e terapeuta judeu Peter Pitzele<sup>53</sup>.

---

<sup>44</sup> VIGINI, 2017, p. 9.

<sup>45</sup> ROESE, 2015, p. 14.

<sup>46</sup> ROESE, 2015, p. 14-15.

<sup>47</sup> ROESE, 2015, p. 15.

<sup>48</sup> ROESE, 2015, p. 15.

<sup>49</sup> ROESE, 2015, p. 15.

<sup>50</sup> ROESE, 2015, p. 15.

<sup>51</sup> ROESE, 2015, p. 5.

<sup>52</sup> VIGINI, 2019, p. 17.

<sup>53</sup> POHL-PATALONG, 2023, p. 11.

Quando Pitzele foi substituir um professor no Jewish Theological Seminary, em Nova York, teve a ideia de colocar os participantes, os futuros rabinos, no papel de Moisés conduzindo o povo de Israel para fora do Egito. Quando estavam diante do Mar Vermelho, ele trouxe questões como o que Moisés estava pensando naquele difícil momento. Os estudantes foram estimulados a responderem e interagirem e, gradualmente, foram se soltando e participando da atuação. Mais tarde, alguns dos participantes começaram a convidar Pitzele para desenvolver essa prática nas suas comunidades, pois eles entenderam que esse modelo de bibliodrama era uma espécie de continuação do midrash clássico. O casal Pitzele passou a desenvolver o método, escreveram um livro e passaram a ensinar o método por eles desenvolvido.<sup>54</sup>

Schneider-Harpprecht afirma que na atualidade existem três tipos de bibliodrama: um com uma concepção mais psicodramática, outro com uma concepção da pedagogia e, por fim, o que tem uma concepção hermenêutica.<sup>55</sup> A pesquisa bibliográfica aponta para a existência de variáveis dessas três propostas.

A proposta que parece estar mais alinhada e descender realmente do modelo de Jacob Levy Moreno é a proposta por Hilarion Petzold, que tem uma concepção psicodramática. Esse bibliodrama se assemelha a um psicodrama religioso, Deus está próximo e está no outro. Os encontros bibliodramáticos passam a ser encontros com Deus. Esse é um teatro espontâneo ao invés de uma representação bíblica.<sup>56</sup>

Na concepção da pedagogia do bibliodrama, por meio de um teatro bíblico se busca desenvolver um modelo alternativo para o culto, por meio de uma peça teatral para ser apresentada a um determinado público, na igreja, numa programação comunitária, ou até mesmo na rua. Reinhard Hübner inicia essa linha do bibliodrama auxiliando um grupo a desenvolver uma auto-experiência de atores e atrizes com o texto, respeitando a mensagem teológica e histórica do texto bíblico. Com essa vivência experiencial do texto, temos uma peça a ser desenvolvida e finalmente apresentada a um determinado público.<sup>57</sup>

---

<sup>54</sup> **Bibliolog anlässlich des Kirchentags bei evangelisch.de.** Disponível em: <<https://www.evangelisch.de/inhalte/186022/11-05-2021/online-bibliolog-anlaesslich-des-kirchentags-bei-evangelischde>>. Acesso em: 22 nov. 2022.

<sup>55</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1992. p. 127.

<sup>56</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1992. p. 128.

<sup>57</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1992. p. 128-129.



A concepção hermenêutica de bibliodrama segue uma linha de interpretação histórico-crítica, fazendo com que todo o processo esteja a serviço da interpretação do texto. Neste modelo, “o objetivo do processo é a interpretação do texto pela experiência individual e intersubjetiva que nasce através da sua dramatização e atualização.”<sup>58</sup> Assim, essa linha apresenta várias tendências e direções e, portanto, vários perigos, segundo Schneider-Harpprecht, “algumas destas tendências nos fazem perguntar se o bibliodrama não se move em direção a uma religiosidade mística e sincrética.”<sup>59</sup>

## 2.2 SUA RELEVÂNCIA ECLESIAÍSTICA

Tornar as histórias bíblicas conhecidas de forma profunda é um dos primeiros pontos que se deve destacar quando se pensa na relevância do bibliodrama para as igrejas. As pessoas que pertencem a uma denominação religiosa normalmente conhecem as histórias sagradas escritas no livro sagrado do grupo e outras histórias que fazem parte das tradições do conjunto religioso. Estudos bíblicos, escolas dominicais, sermões, livros e revistas estão todos procurando propagar as histórias encontradas na tradição religiosa.

O bibliodrama, quando aplicado à Bíblia, passa a um estágio e aplicação muito mais amplos no contexto religioso devido às muitas oportunidades de utilização nas diferentes denominações. Como as denominações cristãs utilizam a Bíblia como o seu livro básico de estudos e de crenças, as histórias bíblicas passam a ser amplamente utilizadas, contadas, dramatizadas. O bibliodrama pode fazer uma interação do texto com o participante e do participante com o texto. O participante terá uma vivência mais profunda do texto que outrora era apenas lido. É uma tentativa de atualizar o texto bíblico às realidades vividas hoje, de modo que

as histórias bíblicas ganham um significado enorme, já ao serem adequadamente narradas. Nas apresentações bibliodramáticas (próprias, pessoais e engenhosas) elas podem ser experimentadas de forma ainda mais intensiva e integral. Os participantes começam a ver-se a si mesmos, aos outros, ao mundo e ao texto em perspectivas diferentes das que tinham experimentado até agora. Os horizontes se alargam, o olhar torna-se mais

---

<sup>58</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1992. p.129.

<sup>59</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1992. p.130.

aguçado e abrangente, aproximando-se das profundezas do próprio inconsciente, das projeções e transferências.<sup>60</sup>

Encenar histórias da Bíblia não é coisa nova para as religiões, “a encenação de mitos e símbolos faz parte de quase todas as religiões”.<sup>61</sup> Algo que sempre foi visto como positivo para o aprendizado das histórias bíblicas e até mesmo como um grande recurso na evangelização. Através do bibliodrama “o participante encontra significados novos e muito profundos da Palavra, e que tocam sua vida.”<sup>62</sup> O bibliodrama propicia o aprendizado da história e a internalização dela. O aprendizado e a experimentação da história e das sensações do e da personagem da história é de uma profundidade que não pode ser experimentada pela leitura ou pela escuta. As histórias bíblicas são cheias de representações, apesar de não serem apresentadas como se fossem representações.

Tomemos por exemplo o sistema sacrificial. A Bíblia nunca afirmou que o sangue de bodes possui algum mérito salvífico por si só, muito pelo contrário<sup>63</sup>. Na verdade, os sacrifícios eram representações de uma história maior, apontando para o sacrifício de Cristo na cruz.<sup>64</sup> Nesse sentido, podemos ler o sistema sacrificial como uma representação, uma dramatização de algo superior que aconteceria no futuro. Cada personagem tinha o seu papel a cumprir nessa dramatização, que na época se tornava mais presente para eles do que o próprio texto sagrado. Toda aquela dramatização feita diariamente era uma pregação do evangelho, de modo prático e próximo. Todos viam o que era feito, sentiam o cheiro da carne sendo assada, viam a pessoa pecadora se aproximar do santuário ou elas próprias eram essas pecadoras arrependidas participantes daquele ato, viam as ações dos sacerdotes como mediadores desse sistema. Era tudo muito próximo, muito real, muito didático e dramatizado.

Hoje existe a palavra escrita de modo mais acessível, mas a sua leitura acaba por não ser tão profunda e marcante como o sistema sacrificial do passado era. Assim, as dramatizações do bibliodrama podem trazer para o adorador contemporâneo a mesma proximidade que o sistema sacrificial trazia para o adorador daquele tempo. Pode-se experimentar, pelo bibliodrama, essa proximidade que o estudo e a leitura da

---

<sup>60</sup> DAUNIS, 2000, p. 45.

<sup>61</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1992. p.126.

<sup>62</sup> VIGINI, 2017, p. 11.

<sup>63</sup> Vide Hebreus 10.4.

<sup>64</sup> Vide João 1.29.

Bíblia não conseguem proporcionar. No Antigo Testamento não havia textos sagrados tão acessíveis como se tem hoje, mas havia as dramatizações dos serviços sacrificiais e isso era suficiente. Hoje se tem o texto, mas falta essa proximidade, essa vivência com o relato bíblico que somente a dramatização, como a do bibliodrama, pode proporcionar. O texto sagrado é vivificado pela dramatização participativa espontânea. A experiência de adoração do adorador tem um grande potencial de ser profunda e significativa, pois “no bibliodrama podem acontecer identificações assombrosas e desconcertantes com personagens da Bíblia ou com forças da realidade psíquica de ser humano.”<sup>65</sup>

Todo um conjunto de fatores psicológicos podem ser desencadeados e a cena se tornar mais real para o participante. Dessa forma, a técnica do bibliodrama ajuda as pessoas participantes a entenderem melhor como cada personagem bíblico viveu e teve que enfrentar os desafios das situações em que se encontravam.<sup>66</sup>

Todas as faixas etárias podem se beneficiar com o bibliodrama na igreja.

As crianças vivenciam e brincam, pois, para elas, tudo é fantasia e teatro, brincadeira e imaginação. Para os adultos, a proposta do bibliodrama pode atingir profundidades inesperadas, porque desperta ‘partes de si’ normalmente latentes e estabelece uma particular integração entre Palavra e Vida.<sup>67</sup>

O valor pedagógico do bibliodrama pode ser também estendido à educação religiosa, tal como vemos no estudo de Van Der Berg e Epek, que perceberam que os discentes pesquisados desenvolveram suas próprias interpretações de uma narrativa, sendo capazes de se relacionar com a linguagem simbólica da narrativa ao se envolverem na dramatização. Com isso, houve um aprimoramento na religião e na visão de mundo desses indivíduos.<sup>68</sup>

Dentre as diversas formas e possibilidades de bibliodrama, algumas podem apresentar um certo desafio, segundo Schneider-Harpprecht,

A vantagem do bibliodrama de permitir que se experimentem os conflitos da vida e da relação difícil com Deus sem neutralizá-los pela interpretação de

---

<sup>65</sup> DAUNIS, 2000, p. 45.

<sup>66</sup> LEUTAR, Z. Bibliodrama kao pastoralni izazov. **Diacovensia**, v. 27, n. 3, p. 531–549, 2019. p. 533.

<sup>67</sup> VIGINI, 2019, p. 18.

<sup>68</sup> VAN DEN BERG; SPEK, 2019. p. 99.

um simbolismo dogmático contém o perigo de perder-se num misticismo trágico. Mas isso não vale para o bibliodrama em geral.<sup>69</sup>

Esse perigo de perder-se num misticismo trágico, segundo Schneider-Harpprecht, ou de perder-se no escuro são possibilidades que devem ser entendidas, compreendidas e evitadas.

No entanto, o bibliodrama tenta transgredir os limites entre psicologia, teologia e teatro. Cada um dos três tipos que apresentamos mostra uma ênfase diferente. As pessoas querem entender um texto por meio do teatro ou da psicologia (concepção hermenêutica), ou querem enriquecer a experiência por meio da encenação teatral (concepção de pedagogia do teatro), ou querem estender o teatro para a área da psicoterapia e da religião (concepção psicodramática). O bibliodrama tem que integrar estes diferentes sentidos. A integração de teologia, psicologia e teatro num processo experimental é sua grande chance, mas contém o perigo de confundir os limites e perder-se no escuro.<sup>70</sup>

A prática de algumas vertentes do bibliodrama pode apresentar desafios, podendo algumas delas exceder as habilidades dos moderadores. No entanto, isso não é uma característica de todas as variações do bibliodrama e a maioria pode ser uma ferramenta muito útil para que as pessoas participantes possam experimentar o texto bíblico de uma forma mais profunda, tornando-o algo mais memorável e significativo para eles.

As igrejas apresentam um grande número de idosos e o bibliodrama poderá ser utilizado com eles, dando a eles a oportunidade de se autoconhecerem e de terem consciência da própria realidade por meio do texto bíblico.<sup>71</sup>

O bibliodrama pode ser benéfico para todos os casos, até mesmo no enfrentamento de temas difíceis como o da morte. A morte é muitas vezes vista como o fim de tudo, sendo um dos maiores desafios enfrentados pelas religiões. Nesse contexto, o bibliodrama pode ajudar os adolescentes a desenvolver a capacidade de se identificar com os outros, especialmente em situações de doentes terminais, quando os médicos precisam informar sobre a iminente morte.<sup>72</sup>

Apesar do bibliodrama não ser psicoterapia, contém elementos terapêuticos, podendo ser utilizado com bom proveito em diversas frentes de atividades, tais como

---

<sup>69</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1992. p. 130.

<sup>70</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1992. p. 130.

<sup>71</sup> LEUTAR; KRELLER, 2014, p. 230.

<sup>72</sup> TESTONI, I. et al. Let's start with the end: Bibliodrama in an Italian death education course on managing fear of death, fantasy-proneness, and alexithymia with a mixed-method analysis. **Omega**, v. 83, n. 4, p. 729–759, 2021. p. 23.

em grupos de trabalho, para desenvolver o empoderamento, socialização, aceitação, aproximação sem medo de julgamentos de outras pessoas, desenvolver a autenticidade, desenvolvendo a fé, a estabilidade e a segurança.<sup>73</sup> Isso porque “o bibliodrama retém saberes desse antigo modo de cuidar e de interpretar o sofrimento quando busca a interação com os textos antigos e sagrados e deles saca força libertadora e energia curativa.”<sup>74</sup> Nesse sentido, Roese explica que “o termo terapia tem origem no âmbito religioso e não médico”<sup>75</sup>, referindo-se a algo muito mais profundo do que a cura física de uma doença. O sentimento de bem-estar físico, mental, familiar, social, espiritual, tudo estava englobado e, nesse sentido, o âmbito religioso consegue dar mais conta de proporcionar essa terapia. Citando Stangier, Roese delimita que

o bibliodrama não é terapêutico quando o termo terapia se limita a um estreito e determinado significado científico, quando o ser humano é reduzido a um sintoma, quando ele é tornado o objetivo específico e tenta-se curá-lo sem deixá-lo seguir seu próprio caminho.<sup>76</sup>

O bibliodrama na igreja tem a capacidade de auxiliar nessa terapia mais ampla e que atende a todos os pontos da vida humana. Neste sentido, “cura não é apenas saúde, bem-estar pessoal, mas vida renovada nas convivências, nas relações; é superação de violência, é capacidade de reconhecer e socorrer o sofrimento alheio.”<sup>77</sup> Muito mais ampla, muito mais profunda é a terapia proporcionada pelo bibliodrama nas igrejas.

---

<sup>73</sup> LEUTAR, 2014, p. 535

<sup>74</sup> ROESE, 2015, p. 104.

<sup>75</sup> ROESE, 2015, p. 102.

<sup>76</sup> ROESE, 2015, p. 105.

<sup>77</sup> ROESE, 2015, p. 110.



## 3 PRINCIPAIS MODELOS UTILIZADOS NO BRASIL

### 3.1 BIBLIODRAMA PASTORAL

De acordo com Schneider-Harpprecht, na década de 1990, havia três modelos de bibliodrama.<sup>78</sup> Dentro dessa categorização apresentada por ele, o Bibliodrama Pastoral parece estar na corrente de “concepção hermenêutica de bibliodrama, que usa métodos criativos e de auto-experiência psicológica para experimentar e entender os textos de uma maneira mais pessoal.”<sup>79</sup>

Apesar dos detalhes referentes a essa corrente não se encaixarem totalmente no modelo do Bibliodrama pastoral, conforme veremos mais à frente na apresentação de Loredana Vigni, a corrente hermenêutica segue o modelo de uma prédica comunitária, adotando a hermenêutica histórico-crítica.<sup>80</sup> Nisso, esta corrente difere-se do Bibliodrama pastoral, ainda que claramente demonstre a potencialidade de adaptações para o contexto de diversas comunidades religiosas, conforme assim o desejarem ou necessitarem.

Os modelos de bibliodrama, no geral, remetem a Jacob Levy Moreno, porém as adaptações apresentam uma origem diferenciada, dependendo da região aplicada e conseqüentemente dos diversos contextos ali encontrados. “Na Itália, o percurso do Bibliodrama, especificamente do Bibliodrama Pastoral, foi bem diferente, pois não nasceu no âmbito universitário e teológico.”<sup>81</sup>

No Sínodo da Juventude, o Papa Francisco recomendou a utilização de novos estilos, novas estratégias para se conseguir alcançar mais facilmente os jovens e o Bibliodrama Pastoral, bibliodrama italiano, é uma das possibilidades recomendadas.<sup>82</sup>

Giovanni Brichetti, psicodramatista da Bréscia, no final dos anos 1990, sem conhecer outras versões e possibilidades de bibliodrama existentes no período e praticado em outros lugares, “começou a aplicar a técnica que tinha aprendido no Psicodrama aos textos bíblicos, capturando os frutos para o espelhamento pessoal

---

<sup>78</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1992, p. 127.

<sup>79</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1992, p. 127.

<sup>80</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1992, p. 128.

<sup>81</sup> VIGNI, 2017, p. 9.

<sup>82</sup> ZAVATTINI, Alessandro. **Giovani e Bibbia “narrativa”**: metodi attivi e interattivi per l’incontro con la parola di Dio. Padova: Editrice, 2020. p. 6.

dos participantes.”<sup>83</sup> Ele chamava essa prática de “encontro expressivo e experiencial”. Continuou a aplicar e a difundir até que, por acaso, encontrou na internet algo semelhante que estava sendo utilizado em outros países europeus e era conhecido como Bibliodrama. Decidiu utilizar o mesmo nome devido às semelhanças, apesar de reconhecer a existência de diferenças entre ambos.<sup>84</sup>

O modelo Europeu era utilizado para fins culturais, de estudo e de interpretação do texto. Já “o objetivo da técnica criada por Brichetti foi, desde o princípio, mais pastoral: o texto bíblico ‘aplicado’ à vida, como um espelho dela.”<sup>85</sup> Nesse mesmo período, nasceu também na Itália o Psicodrama Bíblico, do Pe. Giuseppe Bertagna.<sup>86</sup> Conforme aponta Vigni,

em 2011, nasceu a *Associação Italiana Bibliodrama (AIB)*, composta daqueles que, tendo aprendido o método expressivo e experiencial proposto por Giovanni Brichetti, decidiram se comprometer a difundi-lo na Itália e além-fronteiras. Com efeito, desde o princípio a Associação teve uma motivação missionária, desejando ultrapassar os confins italianos.<sup>87</sup>

Nesse contexto missionário<sup>88</sup>, surge no Brasil o primeiro curso para os e as catequistas da Diocese de Castanhal do Pará. “O Bibliodrama Pastoral começou a ser difundido no Brasil em 2015, mas os primeiros cursos aconteceram já em 2013, ministrados por seu idealizador, Giovanni Brichetti.”<sup>89</sup> O Bispo Dom Carlos Verzelletti, que convidou Giovanni Briguetti para ministrar o curso, também era oriundo da cidade de Bréscia, onde nasceu a Associação Italiana de Bibliodrama.<sup>90</sup>

Em 2015, Loredana Vigni, facilitadora e formadora da AIB e presidente da *Associação Semente Viva*, uma realidade eclesial inserida na rede de difusão da AIB, começou um projeto de difusão do Bibliodrama no Brasil, e, para distinguir este tipo de bibliodrama daquele que já tinha chegado ao país pelos alemães nos anos de 1974-1975, conforme a AIB, apresentou o método com o nome de *Bibliodrama Pastoral*.<sup>91</sup>

Loredana Vigni é a autora dos livros de Bibliodrama Pastoral publicados no Brasil pela editora católica Ave-Maria. Ela conheceu o bibliodrama em 2014 e passou

---

<sup>83</sup> VIGNI, 2017, p. 9.

<sup>84</sup> VIGNI, 2017, p. 10.

<sup>85</sup> VIGNI, 2017, p. 10.

<sup>86</sup> VIGNI, 2017, p. 10.

<sup>87</sup> VIGNI, 2017, p. 10.

<sup>88</sup> ZAVATTINI, 2020. p. 9.

<sup>89</sup> VIGNI, 2019. p. 17.

<sup>90</sup> VIGNI, 2019, p. 17.

<sup>91</sup> VIGNI, 2017, p. 10.



a utilizar e difundir o método na Itália<sup>92</sup>. É ela que nos ajuda a compreender o que é o Bibliodrama Pastoral:

É um método que visa a uma aproximação do texto bíblico de forma ativa e participativa, tornando visível, simbolicamente, a cena com suas personagens, permitindo aprofundar a experiência destas e, inclusive, perceber e experimentar seus sentimentos e emoções.<sup>93</sup>

Essa definição se faz necessária porque, diferente de outras definições de bibliodrama, essa é específica para o Bibliodrama Pastoral no Brasil. É o nome brasileiro para a versão italiana do bibliodrama. Ele procura uma aproximação com o texto de forma visual e simbólica. Os panos, por exemplo, serão vistos, mas não são apenas panos coloridos, representam personagens da história. E o encontro do participante com a história pode ocorrer de dentro, quando a pessoa participa da dramatização, ou de fora, quando assiste à dramatização. E isso só é possível em grupo. Sendo possível, em grupo, participar da dramatização ou assisti-la.

O Bibliodrama Pastoral não é um teatro<sup>94</sup>, é expressivo e experiencial, não tendo como objetivo uma apresentação teatral. É expressivo porque utiliza linguagens diferentes da verbal, como o corpo, as emoções. É experiencial ou vivencial “porque o objetivo não é o conhecimento da Palavra, mas a experiência de um encontro com Jesus-Palavra.”<sup>95</sup> Isso não quer dizer que o conhecimento da Palavra não seja valorizado ou que não acontecerá. Acontece, mas por meio das percepções e da vivência.<sup>96</sup> Percebendo de fora, assistindo ou vivenciando de dentro, atuando. “O encontro com o texto bíblico não acontece por meio de um aprofundamento lógico e intelectual, racional, mas de uma vivência, na qual a pessoa se encontra envolvida com tudo de si mesma: corpo, emoções, sentimentos.”<sup>97</sup>

Diferente de um teatro bíblico, no Bibliodrama Pastoral não existe uma designação para uma determinada pessoa ser um ou outro ou outra personagem. Cada participante escolhe um personagem, a partir da identificação estabelecida com este. Não existe nenhuma parte ou texto a ser decorado, mas a pessoa se coloca no lugar do ou da personagem da Bíblia e passa a falar espontaneamente como se fosse

---

<sup>92</sup> VIGINI, Loredana. [Orelha do livro]. In: VIGINI, 2017.

<sup>93</sup> VIGINI, 2019, p. 19.

<sup>94</sup> VIGINI, 2017, p. 15.

<sup>95</sup> VIGINI, 2019, p. 21.

<sup>96</sup> VIGINI, 2019, p. 21.

<sup>97</sup> VIGINI, 2019, p. 20.

tal personagem, imaginando o que o ou a personagem sentiria e falaria. Isso favorece a participação de todos, pois não há aquele participante mais inteligente que consiga decorar muitos textos, já que não há a necessidade de se decorar qualquer texto. Não haverá a tensão da comparação entre as pessoas participantes. O que se destaca na prática não é o que é contado na Bíblia, mas o aspecto emocional/sentimental experimentado pelo participante, que imagina o que o ou a personagem pode ter experimentado naquela situação.<sup>98</sup>

### **O lugar**

Deve ser realizado numa sala apropriada. Se for uma sala muito grande, pode-se delimitar o espaço que será utilizado. Todos ficam numa disposição em círculo. No centro deve ter um espaço suficiente para que aconteçam as dinâmicas. Cada um é livre para participar ou não, devendo a participação ser espontânea. Para que as crianças possam se assentar, é importante que tenha um tapete no centro.<sup>99</sup>

### **As regras**

Como os encontros podem ser muito intensos emocionalmente, é necessário ter regras que devem ser respeitadas para se evitar problemas para as pessoas participantes. É necessário que seja um ambiente “protegido” e que as pessoas possam se expressar livremente de forma espontânea e autêntica.

São quatro as regras necessárias para o bom andamento.

1. **A participação é livre.** Para garantir a espontaneidade, ninguém será forçado a fazer algo que não queira.
2. **Cada fala é totalmente pessoal e particular.** O participante é chamado a expressar seu próprio ponto de vista.
3. **Ninguém deve rir ou julgar o que os demais disserem.** Deve-se criar um ambiente de livre expressão, sem recriminações.
4. **Nada do que for dito no encontro deverá ser levado para fora, para outras pessoas.** O que acontece dentro do grupo, deve ficar dentro do dele. Isso é fundamental para que se desenvolva um ambiente de confiança mútua e de espontaneidade.<sup>100</sup>

---

<sup>98</sup> VIGINI, 2017, p. 15.

<sup>99</sup> VIGINI, 2017, p. 16.

<sup>100</sup> VIGINI, 2017, p. 17.

## **O tempo**

O tempo nem sempre é o ideal, muitas vezes, o que impera é o tempo real, o tempo que se tem, o que está disponível. Mas pode-se dizer que o tempo ideal para se viver a experiência em totalidade é o de uma hora e meia. Podendo, logicamente, ser um tempo menor de quarenta e cinco minutos ou até meia hora. Em caso de tempo reduzido, é necessário escolher as ferramentas que consigam ser desenvolvidas dentro desse tempo mais limitado.<sup>101</sup>

## **Os limites**

Vigini nos alerta que o “Bibliodrama na catequese não é uma experiência terapêutica ou de cura, e não podemos ultrapassar os limites do contrato formativo entre o catequista e o grupo.”<sup>102</sup>

## **Os Pilares do Bibliodrama Pastoral**

“O Bibliodrama Pastoral, portanto, baseia-se nestes pilares: O aprofundamento do texto e o espelhamento, meia realidade e realidade, que nunca podem faltar em um encontro com essa metodologia.”<sup>103</sup>

O Bibliodrama Pastoral é uma metodologia que tem como base aprofundar a compreensão do texto bíblico, proporcionando uma experiência enriquecedora as pessoas participantes. Por meio do espelhamento, as pessoas participantes são convidadas a se colocar no lugar dos e das personagens da narrativa bíblica, vivenciando as emoções, pensamentos e dilemas que eles e elas enfrentaram. Além disso, a metodologia trabalha com a conexão entre meia realidade e realidade, possibilitando que as pessoas participantes reflitam sobre a aplicação dos ensinamentos bíblicos em sua vida cotidiana. Dessa forma, o Bibliodrama Pastoral é uma ferramenta eficaz para aprofundar a compreensão da Bíblia, promover a reflexão sobre a vida e fomentar a convivência comunitária.

## **Fases e etapas do Bibliodrama Pastoral**

O método do Bibliodrama possui três fases.<sup>104</sup> Cada uma possui suas respectivas etapas, tendo uma sequência que não deve ser trocada, pois é necessário existir um crescente que consiga levar as pessoas a vivenciarem as experiências

---

<sup>101</sup> VIGINI, 2017, p. 18.

<sup>102</sup> VIGINI, 2017, p. 19.

<sup>103</sup> VIGINI, 2017, p. 26.

<sup>104</sup> VIGINI, 2019, p. 24.

propostas. Para cada etapa existem diversas possibilidades de dinâmicas que podem ser utilizadas para que o seu objetivo seja alcançado. Vejamos cada fase e suas etapas:

**Fase 1 - Introdução e sensibilização** (fase do aquecimento), para criar um clima de aceitação e de confiança, um preparo para o tema proposto.<sup>105</sup> Esta fase está dividida em cinco etapas:

**Etapa 1** (Introdução). Nessa introdução é feita a apresentação do método e das regras para as pessoas participantes.<sup>106</sup> É apresentado o tema da reunião e o modo de viver a relação com o Espírito Santo.

**Etapa 2.** Para facilitar o encontro autêntico, é feita uma reapresentação autêntica para o aqui e o agora.<sup>107</sup> Nessa etapa é aplicada uma ferramenta para que as pessoas se sintam parte do grupo.<sup>108</sup>

Existem várias ferramentas para cada etapa. Então, escolhe-se uma que esteja adequada ao tempo disponível, à história a ser trabalhada, ao grupo, à faixa etária, enfim, às características do grupo. Assim, a ferramenta escolhida está submetida ao objetivo que se deseja atingir. Por exemplo, pode-se escolher ferramentas para uma autoapresentação no grande grupo, usando técnicas como: quadro de grupo, estátua corpórea da própria realidade, apresentação com inversão de papéis em dupla, apresentação de si por meio do outro, apresentação com fotolinguagem, desenho em grupo, símbolo refilado.<sup>109</sup> Ou, ainda, pode-se escolher ferramentas para apresentação em grupos menores, formando ilhas para que as pessoas possam interagir com os demais participantes.

**Etapa 3** (sensibilização do tema).<sup>110</sup> Escolhe-se uma ferramenta que possa sensibilizar as pessoas participantes sobre o tema, para chegar à emersão dos desejos e necessidades com relação ao tema.<sup>111</sup>

Pode-se escolher ferramentas que tenham um potencial de sensibilizar por meio das palavras, como, por exemplo: tempestade de ideias, utilização de

---

<sup>105</sup> VIGINI, 2019, p. 24.

<sup>106</sup> VIGINI, 2019, p. 24.

<sup>107</sup> VIGINI, 2019, p. 28.

<sup>108</sup> VIGINI, 2019, p. 27.

<sup>109</sup> VIGINI, 2019, p. 49-62.

<sup>110</sup> VIGINI, 2019, p. 29.

<sup>111</sup> VIGINI, 2019, p. 72.

mensagens, poemas, cantos.<sup>112</sup> Essa sensibilização pode ser por meio de imagens, como, por exemplo: uso de uma imagem central, utilização de fotos ou imagens pequenas, fotolinguagem com associação ao tema.<sup>113</sup>

A sensibilização pode ser com ferramentas da sociometria sobre o tema: aproximação-distância, barômetro, ilhas para sensibilizar o tema, círculos concêntricos, opostos.<sup>114</sup> Pode-se sensibilizar com os símbolos: uso de objetos, uso simbólico de panos, uso simbólico de pedras, um símbolo específico da rede com a bola de lã.<sup>115</sup> Pode sensibilizar com o uso da composição simbólica: apresentação criativa do tema, esquematização simbólica de um conteúdo, composição simbólica a partir de uma história, representação simbólica, escultura do tema com os panos.<sup>116</sup>

Pode ser através de uma ferramenta da sensibilização criativa recíproca, como: estátua de grupo sobre o tema, deixar surgir o tema pelas pessoas participantes.<sup>117</sup>

**Etapa 4** - Aquecimento psicomotor através da tomada de consciência do corpo com uma das seguintes ferramentas<sup>118</sup>: caminhada, caminhada-encontro, caminhada introspectiva sensibilizando sobre o tema, mãos em movimento.<sup>119</sup>

Esse aquecimento pode ser com ferramentas de papel e contrapapel: tomada de consciência da realidade única do outro, sensibilização sobre o tema da relação, experiência da presença de Deus com símbolo vivenciado, experiência de confiança (guia cego), experiência da dificuldade na relação.<sup>120</sup>

Ou pode ser com uma das ferramentas de jogos de papéis: elementos de jogos de papéis, várias modalidades de jogos de papéis, realização do jogo de papéis, objetivo dos jogos de papéis.<sup>121</sup>

**Etapa 5** – Emersão e a expressão dos desejos.<sup>122</sup>

---

<sup>112</sup> VIGINI, 2019, p. 73-75.

<sup>113</sup> VIGINI, 2019, p. 76-79.

<sup>114</sup> VIGINI, 2019, p. 81-89.

<sup>115</sup> VIGINI, 2019, p. 91-99.

<sup>116</sup> VIGINI, 2019, p. 113-117.

<sup>117</sup> VIGINI, 2019, p. 122-124.

<sup>118</sup> VIGINI, 2019, p. 29.

<sup>119</sup> VIGINI, 2019, p. 126-130.

<sup>120</sup> VIGINI, 2019, p. 131-137.

<sup>121</sup> VIGINI, 2019, p. 139-144.

<sup>122</sup> VIGINI, 2019, p. 29.

Essa etapa pode ser desenvolvida com uma das ferramentas para facilitar a emersão dos desejos, tais como: perguntas interiores para a emersão dos desejos, caminhada introspectiva para a emersão dos desejos, imaginação facilitada para a emersão dos desejos.<sup>123 124</sup>

E com uma das ferramentas para facilitar a expressão dos desejos: palavra sintética com frase-convite, expressão dos desejos por meio de uma estátua corpórea, expressão dos desejos por meio da linguagem das emoções, expressão escrita.<sup>125</sup>

**Fase 2 - Encontro com a Palavra**, momento de um encontro vivo com a Palavra para que aconteça o espelhamento.<sup>126</sup>

### **Etapa 1 – Comunicação da Palavra.**<sup>127</sup>

É escolhida uma das seguintes ferramentas para comunicar a Palavra: comunicação animando o trecho com a voz (leitura animada), comunicação com as pessoas participantes “dentro” da história (visualização guiada do trecho bíblico), comunicação tornando “visível” a história (narração com os panos), a personagem que testemunha o fato da história (palavra representada), comunicação por meio de uma imagem (quadro, escultura), comunicação por meio do canto, comunicação com fantoches, comunicação com vídeos, comunicação com relaxamento, comunicação por meio de cartazes.<sup>128</sup>

### **Etapa 2 – Aprofundamento da Palavra.**<sup>129</sup>

São utilizadas ferramentas de aprofundamento. Essas ferramentas podem ser uma das ferramentas básicas de aprofundamento, tais como: a esquematização da cena central do texto, a inversão de papéis com uma personagem.<sup>130</sup>

Ou podem ser uma das ferramentas ativas sem dramatização, tais como: interpretação de uma personagem pelo facilitador, todos imaginam ser a mesma personagem, espelho, entrevista do grupo com a personagem, escolha da personagem com inversão de papéis, duplo da personagem simbolizada com um pano

---

<sup>123</sup> VIGINI, 2019, p. 29.

<sup>124</sup> VIGINI, 2019, p. 145.

<sup>125</sup> VIGINI, 2019, p. 147-148.

<sup>126</sup> VIGINI, 2019, p. 32.

<sup>127</sup> VIGINI, 2019, p. 32.

<sup>128</sup> VIGINI, 2019, p. 154-163.

<sup>129</sup> VIGINI, 2019, p. 33.

<sup>130</sup> VIGINI, 2019, p. 164-170.

de fundo, duplos contemporâneos da personagem interpretada, uso dos sentidos de ouvir, cheirar, ver e tocar, gostar, experiência perceptiva, meditação da Palavra com a ferramenta simbólica.<sup>131</sup>

Podem também escolher uma das ferramentas que usam a dramatização como aprofundamento da Palavra, tais como: resposta da personagem à entrevista, todos imaginam ser a mesma pessoa com o corpo, dramatização da personagem principal com mensagem a outras, solilóquio, palavras-personagens, psicodrama a partir dos versículos do trecho bíblico, animação de uma imagem, palavra em movimento, aprofundamento da palavra por meio de um canto.<sup>132</sup>

Depois disso, vem a principal parte dessa fase, que é a dramatização da cena lida do texto bíblico.

### **Etapa 3 – A dramatização da cena central do texto bíblico<sup>133</sup>.**

Essa etapa é bastante complexa e necessita de uma série de ferramentas para que tudo caminhe na direção esperada. Será necessário escolher uma ferramenta para o início da cena, outra para ajudar a fluir e a última para conclusão da dramatização.

#### Etapa 3 – Parte 1 – Início da cena.

Para o início da cena, poderá ser escolhida uma dessas ferramentas a seguir: escolha dos atores da dramatização, ajudar os atores a assumirem a postura da personagem, entrevista do facilitador com as personagens, a solicitação do “motor” da cena.

#### Etapa 3 – Parte 2 – Ajuda no fluir da cena.

Para que a dramatização tenha uma continuidade de forma adequada, deve-se escolher uma das seguintes ferramentas: Mostre como você faz, duplos da personagem dramatizada, duplo convite, frase-convite, solilóquio congelando a cena, espelhos congelando a cena, entrevistas de contraste, inversão com um elemento simbólico, introduzir novos elementos na cena, mudar os tempos e espaços da cena.<sup>134</sup>

---

<sup>131</sup> VIGINI, 2019, p. 173-193.

<sup>132</sup> VIGINI, 2019, p. 196-218.

<sup>133</sup> VIGINI, 2019, p. 33.

<sup>134</sup> VIGINI, 2019, p. 223-228.

### Etapa 3 – Parte 3 – Conclusão da dramatização.

Para finalizar a dramatização, deve-se escolher uma das ferramentas: mensagens conclusivas das personagens, expressões gestuais conclusivas das personagens.<sup>135</sup>

### **Etapa 4 – Espelhamento da Palavra.**<sup>136</sup>

No espelhamento é relacionada a Palavra com a vida.

Depois de ter comunicado e aprofundado a Palavra, é importante que cada um possa encontrar nisso um estímulo para a própria vida. Lembrando que o espelhamento é a etapa característica do Bibliodrama Pastoral, cujo objetivo não é somente entender o que o texto fala em si, mas, sobretudo, o que o texto fala para mim, para minha vida concreta.<sup>137</sup>

Nessa etapa do espelhamento, deve-se escolher uma das ferramentas que possam desempenhar essa função de obter ou facilitar o espelhamento: espelhamento por meio de perguntas, escolha de personagem que ressoa mais, guia à ação “ao vivo” da Palavra, o símbolo vivenciado, espelhamento em uma imagem, imaginação facilitada, encontro com uma personagem que está em mim, dramatização de uma imagem interior, representação das imagens interiores emergentes, diálogo com a cadeira vazia, o espelhamento por meio de máscaras, a experiência de vida (natureza) como fonte de espelhamento, a arte como fonte de espelhamento.<sup>138</sup>

### **Etapa 5 – Partilha da experiência.**<sup>139</sup>

Extremamente importante para o bibliodrama, essa etapa ajuda a sintetizar a experiência vivenciada.<sup>140</sup> Esse momento pode se dar através do uso de ferramentas para a divisão do grupo maior em subgrupos ou em duplas, de modo a facilitar a partilha: escolha pessoal de um elemento que está no espaço central, criação de subgrupos para o emergente grupal, criação das duplas por escolhas cruzadas.<sup>141</sup>

Ou essa partilha pode ser com o uso de linguagens diferentes, utilizando uma destas ferramentas: a linguagem verbal simbólica (palavra sintética), a linguagem dos

---

<sup>135</sup> VIGINI, 2019, p. 242-244.

<sup>136</sup> VIGINI, 2019, p. 33.

<sup>137</sup> VIGINI, 2019, p. 253.

<sup>138</sup> VIGINI, 2019, p. 254-274.

<sup>139</sup> VIGINI, 2019, p. 34.

<sup>140</sup> VIGINI, 2019, p. 276.

<sup>141</sup> VIGINI, 2019, p. 278-280.



símbolos reais, a linguagem pictórica (desenho), a linguagem das imagens (fotos), a linguagem das emoções, a linguagem das cores, a linguagem imaginativa, a linguagem complexa das composições, a linguagem corporal (estátua corpórea), a linguagem dos gestos, a linguagem dos movimentos (dança), a linguagem da música, a linguagem verbal (partilha de reflexões).<sup>142</sup>

### **Fase 3 – Entrega da vivência a Deus<sup>143</sup>**

“É o momento em que tudo que foi vivenciado é oferecido a Deus, um momento forte que eleva a espiritualidade vivida ao longo do encontro ao seu ápice.”<sup>144</sup>

#### **Etapa 1 – Elementos gerais.**

Existem três elementos gerais que precisam ser considerados nesta etapa: o ambiente, o tempo e a modalidade.<sup>145</sup> O ambiente normalmente será o mesmo já utilizado, mas tudo que não precisar será retirado do local neste momento. Uma vela estará acesa para destacar o momento solene da oração. O tempo deve respeitar uma proporção ideal de 30% para a Fase 1, de 50% para a Fase 2 e de 20% para a Fase 3. Assim sendo, este momento de oração será o menor dos três. Numa programação total de 1h40, a Fase 3 ficaria em aproximadamente 20 minutos. A modalidade da oração deve ser aquela que se afaste da reza decorada e passe para uma “oração pessoal, que nasça do coração.”<sup>146</sup> Mas não deve desclassificar qualquer outro método que apareça, como se só este ou aquele fossem os específicos e apropriados e nem obrigar os demais a participarem. “Assim, tentamos sair de uma oração que pode ser muito espiritual (só louvando a Deus) para conduzir a uma mais vivenciada, levando o concreto da vida.”<sup>147</sup>

#### **Etapa 2 – Oração vivenciada.**

A oração no Bibliodrama Pastoral é vivenciada.<sup>148</sup>

---

<sup>142</sup> VIGINI, 2019, p. 291-293.

<sup>143</sup> VIGINI, 2019, p. 35.

<sup>144</sup> VIGINI, 2019, p. 299.

<sup>145</sup> VIGINI, 2019, p. 299.

<sup>146</sup> VIGINI, 2019, p. 301.

<sup>147</sup> VIGINI, 2019, p. 302.

<sup>148</sup> VIGINI, 2019, p. 299.

Para que essa etapa possa ser bem desenvolvida, pode-se utilizar uma das ferramentas para a valorização dos símbolos usados: criação e valorização do “centro”, vivenciar os símbolos, entrega do que foi criado.<sup>149</sup>

Também pode-se utilizar as ferramentas de uso de outros símbolos: passar algo com mensagem, síntese com desenho. As ferramentas da valorização da palavra: orações espontâneas, associações livres, orações com associações livres, expressão de um compromisso. Pode-se utilizar a ferramenta imaginativa: reviver o encontro com Jesus, sendo um personagem, imaginar uma história que seja uma parábola do trecho bíblico de aprofundamento.<sup>150</sup>

### **3.2 BIBLIODRAMA APRESENTADO POR ANETE ROESE**

Assim como todos os demais modelos de bibliodrama, o Bibliodrama apresentado por Anete Roese também retrata a sua origem com Jacob Levy Moreno. Na realidade a origem é do termo, da palavra, Bibliodrama.<sup>151</sup> Porque do modelo em si poucos poderiam reivindicar sua origem em Moreno.

De acordo com a categorização apresentada por Schneider-Harpprecht, pode-se identificar o Bibliodrama como fazendo parte da concepção hermenêutica,<sup>152</sup> na qual “o objetivo do processo é a interpretação do texto pela experiência individual e intersubjetiva que nasce através da sua dramatização e atualização.”<sup>153</sup>

Roese destaca que a proposta que ela segue de bibliodrama é uma vertente terapêutica.<sup>154</sup> Porém, desde o próprio título do seu livro, Bibliodrama: a arte de interpretar textos sagrados, aponta para uma linha hermenêutica. Isso apresenta evidências de que o modelo consegue circular em diferentes matizes, podendo ser analisado sob diferentes ângulos, sendo um modelo bem completo.

O bibliodrama é um processo hermenêutico em que, em grupo, acontece uma interpretação dramática e criativa de um texto. O bibliodrama faz uma leitura de um texto sagrado e uma leitura da vida atual – numa simultaneidade

---

<sup>149</sup> VIGINI, 2019, p. 302.

<sup>150</sup> VIGINI, 2019, p. 311.

<sup>151</sup> ROESE, 2015, p. 14.

<sup>152</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1992, p. 128.

<sup>153</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1992, p. 129.

<sup>154</sup> ROESE, 2015, p. 16.

criativa – através de métodos de interpretação dinâmica no ambiente e espaço de um grupo de pessoas.<sup>155</sup>

É um processo hermenêutico em grupo. É uma forma prática de entender o texto. O texto e a vida se encontrarão. Através da vivência de uma determinada cena bíblica, as pessoas participantes poderão sentir as emoções que os e as personagens bíblicos possivelmente sentiram. Ou poderão se colocar nas cenas e descobrir o que elas sentiriam se estivessem no lugar dos e das personagens. A vida particular da pessoa participante se exporá ao que o ou a personagem da Bíblia passou, enfrentou, sentiu. Os textos bíblicos começam a fazer um novo sentido, mais profundo.

Roese, em seu livro, destaca como o bibliodrama será apresentado.

Aqui o bibliodrama será apresentado dentro de suas características de leitura e interpretação vivenciada e criativa, feitas sempre em grupo; atento à dimensão espiritual de ser humano e à preservação do espaço para a valorização da sacralidade da vida; e como método que orienta o cuidado terapêutico mútuo centrado numa perspectiva social e espiritual da vida.<sup>156</sup>

Haverá leitura e muita leitura, releitura e nova leitura. A interpretação será vivenciada ao participar diretamente numa cena, na dramatização ou ao assistir aos integrantes do grupo dramatizando. A criatividade que muitos perdem na infância será trabalhada e desenvolvida novamente. Tudo dentro de uma dimensão espiritual, a começar pelo texto bíblico. As dinâmicas utilizadas têm um potencial terapêutico e serão vividas analisando a dimensão social e espiritual do grupo.

No bibliodrama, o encontro da pessoa com o texto pode acontecer de várias formas, não só com uma dramatização, mas com outros recursos e outras potencialidades.

O encontro de cada pessoa com o texto acontece no processo metodológico do bibliodrama, que se apoia em movimentos – que vão desde formas de leitura dinâmica do texto, dramatização espontânea de cenas, pintura, dança, até inúmeras outras possibilidades criativas. O bibliodrama dramatiza personagens, cenas, sentimentos, situações e relações dos textos bíblicos. Não se trata, no entanto, de teatro de textos bíblicos, pois não requer encenação ou repetição do texto.<sup>157</sup>

E mesmo no uso da dramatização, que não é um simples teatro, mas uma vivência experiencial das emoções, sentimentos dos e das personagens e uma

---

<sup>155</sup> ROESE, 2015, p. 16.

<sup>156</sup> ROESE, 2015, p. 17.

<sup>157</sup> ROESE, 2015, p. 17.

imersão na compreensão do texto escrito. O texto escrito não é mais um simples texto lido, mas uma lembrança de uma experiência vivida e experimentada pela pessoa participante.

O método propõe uma hermenêutica que coloca o texto e as pessoas em movimento, em contato, em relação, incluindo a realidade espiritual, emocional e cognitiva, social e cósmica do ser humano.<sup>158</sup>

“O bibliodrama recorre a textos bíblicos, sagrados e não sagrados, e a símbolos religiosos em seu processo para abrir novos horizontes de sentido e ressignificação da vida.”<sup>159</sup> A vida das pessoas participantes é impactada e ressignificada diante de experiências vividas através do bibliodrama. A experiência vivida dos e das personagens da Bíblia passa a ser incorporada pela pessoa participante.

Existem algumas características do bibliodrama que devem ser destacadas. A primeira delas é a criatividade. “A abordagem criativa exige uma interação, inter-relação constante no grupo.”<sup>160</sup> E toda essa criatividade necessária é proporcionada pela grande variedade de meios que o bibliodrama proporciona. A segunda característica é o tempo. O tempo no bibliodrama precisa ser mais lento. Essa desaceleração é importante para que as ações sejam mais espontâneas e desinibidas. A individualidade é outra característica. É necessário haver uma aceitação da individualidade, nossa e dos e das demais. Cada pessoa tem suas percepções e suas experiências e a forma como ela interage pode ser de uma singularidade única e deve ser respeitada no grupo.

A prática em grupo também é uma característica do bibliodrama. Não é uma prática individual, mas coletiva na sua essência.

O bibliodrama é um lugar de encontro, de convívio, de partilha, de criação, de cuidado de si e do próximo; é um lugar de descoberta e renovação da fé; nele a pessoa encontra um espaço seguro, continente, onde pode revelar seu modo de ser e onde pode renovar seu modo de ser, os valores, as relações, o modo de ver e de viver a vida.<sup>161</sup>

---

<sup>158</sup> ROESE, 2015, p. 18.

<sup>159</sup> ROESE, 2015, p. 19.

<sup>160</sup> ROESE, 2015, p. 20.

<sup>161</sup> ROESE, 2015, p. 23.

Outra característica do bibliodrama é o corpo. “As técnicas de sensibilização no bibliodrama têm como objetivo a consciência corporal.”<sup>162</sup> Respiração, movimento, limites, alcances, espaço, tudo está relacionado a essa percepção de si e dos e das demais, do grupo.

A espiritualidade é a última dessas características do bibliodrama. No bibliodrama essa relação espiritual com Deus será revelada podendo-se descobrir próximo ou afastado dele. A partir daí uma nova experiência com Deus poderá nascer.

O processo de interpretação e compreensão do texto, o processo do grupo, é um princípio fundamental no bibliodrama. Significa não apenas ler e entender o texto. Muito mais além, o bibliodrama propõe que o texto seja vivenciado e experimentado com todos os sentidos humanos.<sup>163</sup>

Como o bibliodrama é focado na interpretação do texto, na hermenêutica, vários pontos de um texto precisam e são analisados. “O bibliodrama busca sinais ocultos no texto, e seu processo constrói-se intensamente através das entrelinhas do texto.”<sup>164</sup>

Tudo começa com o texto e um grupo de pessoas agindo a partir do texto. Diante disso existem as chaves para a interpretação do texto: contextos diversos, a palavra e a frase, os e as personagens, as relações existentes entre eles, os sentimentos, aquilo que a pessoa leitora sente ao ler o texto, os vazios do texto que podem abrigar uma infinidade de coisas, o local onde acontece o texto, as leis e regras existentes na época comparando com as de hoje, a imagem de Deus e do ser humano retratados no texto, na história, nos e nas personagens, os símbolos apresentados no texto, enfim, existe uma série de aspectos que devem ser observados para enriquecer a experiência bibliodramática.<sup>165</sup>

O bibliodrama como processo hermenêutico apoia-se em diferentes referenciais e fontes capazes de auxiliar na interpretação do texto. A exegese histórico-crítica participa em vários e diferentes momentos da interpretação do texto. Está presente na fase de preparação do processo, na pesquisa anterior ao trabalho com o grupo.<sup>166</sup>

A linha exegética histórico-crítica é utilizada no Bibliodrama, segundo Roese. Essa linha favorece a comunicação e alinhamento mais estreito com teologias sociais

---

<sup>162</sup> ROESE, 2015, p. 25.

<sup>163</sup> ROESE, 2015, p. 45.

<sup>164</sup> ROESE, 2015, p. 44.

<sup>165</sup> ROESE, 2015, p.40-43.

<sup>166</sup> ROESE, 2015, p. 43.

e que, de certa forma, respondem a questões da sociedade atual, como a teologia feminista. “O interesse da hermenêutica é justamente procurar o sentido que o texto faz para quem lê. A teoria feminista propõe uma releitura hermenêutica da Bíblia.”<sup>167</sup>

Na América Latina, a teologia tem chamado a atenção para a necessidade de uma consciência sociopolítica no processo de leitura bíblica, que deve estar atenta às macroestruturas que definem a vida das pessoas da comunidade local. A teologia feminista tem chamado a atenção para a ideologia da macroestrutura que ecoa nas microestruturas cotidianas e para intervenções necessárias nesses espaços menores.<sup>168</sup>

O processo bibliodramático e suas etapas.

### **Fase 1 – Abertura e sensibilização**

#### **Etapa 1 – Chegar.**

Desde a chegada das pessoas, é importante desenvolver uma sintonia com elas. Isso é o início do processo. Recebê-las, acolhê-las bem e criar essa conexão é o objetivo inicial.

#### **Etapa 2 – Começar.**

“É o momento de acomodar-se de forma quieta, sentar-se, relaxar de olhos fechados ou fixos em algum ponto e despedir-se lentamente do lugar de onde veio, fazer o caminho de saída, de vinda e de chegada.”<sup>169</sup>

#### **Etapa 3 – Sintonizar.**

É um preparo para o contato com o texto, que pode ocorrer de várias formas como, por exemplo, usando palavras soltas, relacionadas à história em questão, que serão distribuídas pela sala, nos cantos, para um primeiro contado com elas.

#### **Etapa 4 – Sensibilizar.**

As pessoas chegam desconfiadas, isoladas e nessa etapa elas começam a diminuir a velocidade do processo, passam a experimentar formas, imagens e sensações, conforme indicadas e conduzidas pela pessoa coordenadora. “A

---

<sup>167</sup> ROESE, 2015, p. 46.

<sup>168</sup> ROESE, 2015, p. 47.

<sup>169</sup> ROESE, 2015, p. 54.

sensibilização guia a pessoa, levando-a até espaços, tempos, experiências possíveis, próximos ou distantes do mundo pessoal.”<sup>170</sup>

## **Fase 2 - Contato e confronto.**

### **Etapa 1 – O texto: leituras e aprofundamento.**

É feita a leitura do texto com o grupo. São feitas releituras. Quais imagens a leitura evoca? Quais palavras chamaram a atenção do grupo? Informações exegéticas podem ser trazidas ao grupo.

### **Etapa 2 – O texto e os contextos.**

Literalmente tudo deve ser analisado, porque tudo faz parte do contexto e pode interferir na compreensão daquilo que está escrito.

Observar e estudar os contextos (no plural) do texto: o contexto da época em que o texto aconteceu; o contexto da época em que o texto foi escrito; o contexto a que o texto se refere; o contexto de quem escreveu o texto e a pessoa autor/autora do texto; os contextos situacionais, singulares de cada autor/personagem ou comunidade que faz parte do texto; os contextos das interpretações teológicas do texto que nos antecederam e que definiram mensagens e interpretações do texto; e o nosso contexto atual, social, religioso, teológico, político, etc.<sup>171</sup>

### **Etapa 3 – Contato com o texto e efeito psicossocial.**

O contato da pessoa com o texto já é por si só uma experiência existencial. Pode até remeter a experiências da infância. O próprio texto tem função terapêutica e pode resolver muitas coisas pendentes na vida. Como explica Roese, “processo é uma palavra-chave no bibliodrama”.<sup>172</sup>

## **Fase 3 - Identificação e aprofundamento.**

### **Etapa 1 – O texto bíblico e o contexto pessoal.**

É um momento em que cada um poderá partilhar as suas impressões obtidas do texto. O que tocou mais fortemente em seu ser, sentimentos que vieram à tona. A pessoa participante começa a se identificar no texto, com algum personagem.

### **Etapa 2 – Confrontos e resoluções no grupo.**

---

<sup>170</sup> ROESE, 2015, p. 57.

<sup>171</sup> ROESE, 2015, p. 40.

<sup>172</sup> ROESE, 2015, p. 52.

“O aprofundamento através do jogo dramático possibilita que a pessoa encontre papéis antes reconhecidos, compatíveis com seu jeito de ser.”<sup>173</sup>

#### **Fase 4 - Delimitação, diferenciação, atualização e partilha.**

##### **Etapa 1 – Delimitação e diferenciação.**

Nesta etapa a coordenação pode apresentar informações que confrontem conhecimentos conservados e equivocados. “A distância histórica não pode ser alterada.”<sup>174</sup> Mas pode-se deixar tocar pela história, como se estivesse lá.

**Etapa 2 – Atualização:** desenvolvimento de cenas, apresentação e apreciação.

O texto é retomado e aprofundado. “A partir dessa provocação e de reflexões do grupo, deve ser desenvolvida uma atualização através de cenas.”<sup>175</sup>

Quem apresenta terá seus sentimentos mais aquecidos nesse teatro espiritual. Quem assiste será motivado com perguntas sobre o que foi visto, como se sentiram, como interpretaram.

“Olhar o todo e remeter novamente ao texto para perguntar: o que ficou para mim?”<sup>176</sup> Cada pessoa poderá responder o que lhe tocou ou emocionou.

##### **Etapa 3 – Compartilhar.**

A chance de falar e de ouvir acerca das experiências de cada corpo diante do que todos viram e participaram. “Abre-se um lugar de escutas de numerosas experiências feitas a partir do mesmo processo, mas que teve diferentes ecos em diferentes corpos.”<sup>177</sup>

#### **Fase 5 – Conclusão do processo – Síntese, ritual e despedida.**

O grupo é convidado a se conectar a sua experiência pessoal. Será feito um momento de meditação para que todos possam voltar a sua realidade, descobrir e relembrar o que ficará para a sua vida. Perguntas norteadoras podem dirigir este

---

<sup>173</sup> ROESE, 2015, p. 63.

<sup>174</sup> ROESE, 2015, p. 65.

<sup>175</sup> ROESE, 2015, p. 66.

<sup>176</sup> ROESE, 2015, p. 66.

<sup>177</sup> ROESE, 2015, p. 68.



momento: “O que ficou mais claro para mim para o dia de amanhã e para o meu futuro?”

---

<sup>178</sup> ROESE, 2015, p. 69.

## 4 O TEATRO E A IDENTIDADE ADVENTISTA

O uso de teatro e dramatizações na Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) tem gerado discussões e algumas polêmicas dentro da própria IASD. Isso devido à posição e influência de Ellen G. White sobre a IASD. Ellen G. White, cofundadora da IASD e detentora do dom profético, segundo é o entendimento da IASD sobre esse assunto<sup>179</sup>, escreveu alguns textos que retratam problemas existentes nas dramatizações e no teatro.

Isso não seria um problema se, na prática, não houvesse nos colégios e nas igrejas adventistas diversos tipos de dramatizações. Em função da existência real dessa prática teatral na IASD e nos seus colégios, é que surgem questionamentos quanto à importância, validade, dos textos de Ellen G. White ou quanto à melhor compreensão deles em relação a este assunto.

### 4.1 ELLEN G. WHITE E A IDENTIDADE DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

Quem foi Ellen G. White e por que ela ocupa uma posição de destaque na IASD? Ellen foi uma jovem que nunca havia ocupado nenhuma função na igreja antes de se tornar a mensageira do Senhor para a IASD. Essa jovem enfrentou grandes desafios na sua infância e juventude, a começar, com nove anos, por um acidente que fez dela uma pessoa com a saúde grandemente fragilizada.<sup>180</sup> Uma colega de escola atirou uma pedra contra ela, quebrando o seu nariz e possivelmente alguns ossos da face. Ela precisou abandonar a escola. Sua saúde sempre esteve precária. Seu semblante ficou desfigurado<sup>181</sup> a ponto de não ser reconhecida por seu próprio pai.<sup>182</sup> Várias ocasiões posteriores pareciam favorecer a sua morte, devido a sua fraqueza e doenças.

---

<sup>179</sup> WHITE, Arthur L. **Ellen White**: mulher de visão. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015. p. 25.

<sup>180</sup> NICHOL, Francis D. **Ellen White e seus críticos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2020. p. 17.

<sup>181</sup> OLIVEIRA, Lygia de. **Na trilha dos pioneiros**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1990. p. 53.

<sup>182</sup> SHAEFER, Richard A. **O legado de Loma Linda**: a herança do centro médico da universidade de Loma Linda. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1997. p. 121.

Nesse contexto ela foi chamada por Deus para contar aos outros sobre seus sonhos e visões. Tentou escapar do chamado divino, mas, por fim, atendeu ao chamado.

Para a IASD, Ellen G. White representou e representa uma figura de extrema importância na sua história, na sua doutrina e na sua identidade. A começar pela história da própria IASD, porque Ellen Gould White esteve presente no início do movimento adventista e exatamente no ano de 1844 ela começou a manifestar o que a igreja entendeu como sendo o dom profético. O ano de 1844 marcou o término da profecia de Daniel 8:12-14 em que começaria a restauração da verdade que havia sido pisoteada e depois das 2300 tardes e manhãs seria restaurada essa verdade. Este ano de 1844 ficou conhecido como o ano do início da Igreja Adventista, apesar de oficialmente ela só ter sido registrada em 1863. O surgimento da IASD está diretamente relacionado ao que começou a acontecer em 1844, a restauração da verdade<sup>183</sup>.

Nesse contexto aparece a figura de Ellen White, que passa a ser uma das características da Igreja Adventista e de modo especial a identifica como a igreja remanescente de Apocalipse 12 de acordo com a visão adventista. Apocalipse 12:17 destaca dois pontos fundamentais da “mulher/igreja” que está sendo perseguida pelo Dragão: guardar os 10 mandamentos, incluindo o sábado, e manter o testemunho de Jesus. Esse testemunho de Jesus, baseado em Apocalipse 19:10, é o espírito de profecia, o dom profético identificado na vida e obra de Ellen G. White.

Depois dessa identificação, Ellen White começa a ser conhecida pelos pioneiros adventistas como a mensageira do Senhor. Isso não aconteceu de um dia para o outro, mas foi um processo, “a aceitação de Ellen White como profetisa se deu graças a um processo que levou tempo, na medida em que seu ministério e mensagem eram comparados com a mensagem da Bíblia.”<sup>184</sup> As pessoas que faziam parte do grupo de crentes pertencentes ao embrião que deu origem à IASD tiveram de fazer as suas escolhas. “Cada pessoa, quando confrontada com suas reivindicações, foi obrigada a testar e avaliar se seu chamado era de Deus ou não.”<sup>185</sup> E isso aconteceu conforme estudavam e comparavam com a Bíblia Sagrada. O estudo

---

<sup>183</sup> NICHOL, 2020. p. 15.

<sup>184</sup> KNIGHT, George R. **Prazer em conhecer Ellen White**: quem ela foi, o que fez e a diferença que faz. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2018. p. 36.

<sup>185</sup> KNIGHT, 2018, p. 36.

da Bíblia fez com que tomassem a decisão de aceitarem o chamado profético de Ellen G. White. “Apenas quando os adeptos do adventismo tiveram tempo para examinar suas mensagens e avaliá-las à luz da Bíblia é que eles passaram a acreditar que ela realmente falava as mensagens de Deus.”<sup>186</sup>

Nas doutrinas da IASD, Ellen Gould White teve uma influência no sentido de levar os pioneiros adventistas a buscarem um melhor entendimento sobre o que a Bíblia dizia sobre vários assuntos, como, por exemplo, sobre o dom profético e dessa forma desenvolver uma crença baseado nos princípios bíblicos quanto a este assunto. De modo semelhante em relação a diversas outras crenças, tais como a crença da conduta cristã, que discorre sobre diversos pontos como a alimentação saudável, sem fumo, bebidas, café, carnes de porco e outros animais, ênfase no vegetarianismo, além de outros pontos como leituras impróprias, entrando também na questão do cinema, televisão, e, conseqüentemente, as apresentações teatrais.<sup>187</sup> Muitas dessas mudanças de conduta proporcionaram aos adventistas grandes benefícios, como uma longevidade muito superior se comparados com a população em geral. Na época, a expectativa de vida dos americanos era de 47,3 anos<sup>188</sup>. Era uma sociedade em que “os médicos usavam ópio, calomelano, mercúrio, arsênico e estricnina para ‘curar’ doenças.”<sup>189</sup> As mensagens de Ellen Gould White foram revolucionárias para proporcionar uma melhoria geral de vida e saúde para a IASD. Ainda hoje, os adventistas que seguem princípios de saúde conforme os ensinamentos adventistas, possuem uma expectativa de vida superior às pessoas comuns.<sup>190</sup>

Como destaca Francis Nichol, “as milhares de páginas dos escritos de Ellen White demonstram claramente o grande papel que ela desempenhou na criação de políticas e na orientação dos rumos do movimento adventista.”<sup>191</sup>

---

<sup>186</sup> KNIGHT, 2018, p. 34.

<sup>187</sup> IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **Nisto cremos**: as 28 crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia. 10. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2019. p. 357.

<sup>188</sup> WHITE, 2015. p. 98.

<sup>189</sup> DOUGLAS, Herbert E. **Messageira do Senhor**: o ministério profético de Ellen G. White. 3. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003. p. 320.

<sup>190</sup> Acerca disso, vide: REVISTA ADVENTISTA. Segredo da longevidade. Disponível em: <https://www.revistaadventista.com.br/da-redacao/destaques/segredo-da-longevidade/>. Acesso em: 16 dez. 2022.

<sup>191</sup> NICHOL, 2020, p. 16.

O conselho bíblico adotado pela IASD de que crer nos verdadeiros profetas de Deus leva à prosperidade<sup>192</sup> tem sido seguido desde o seu início, e isso, para eles, tem garantido o sucesso da IASD até os dias atuais.

Há algum tempo, apreciamos alguns dias de agradável companheirismo com um líder religioso de um desses grupos adventistas. Ele falou sobre a expansão dos adventistas do sétimo dia, suas escolas, editoras, instituições médicas e em seguida acrescentou: 'Seus homens eram mais perspicazes que os nossos e traçaram planos melhores.' Nós respondemos: 'Não, nossos homens não eram mais sábios que os seus, porém, tivemos uma frágil serva do Senhor em nosso meio, que declarou, por meio de visões recebidas de Deus, o que deveríamos fazer e como deveríamos traçar planos para o futuro'. Nenhuma outra explicação poderia, na verdade, ser oferecida sobre a vitalidade, o caráter distintivo e a visão de futuro revelados em conexão com o crescimento do movimento adventista do sétimo dia pelo mundo.<sup>193</sup>

Isso destaca uma característica da identidade adventista, que é a de levar em conta o que Ellen White falou sobre qualquer assunto. Acreditar na direção divina por intermédio de Ellen White sempre trouxe para a IASD grandes vantagens e isso acabou por ser uma linha de suporte para os adventistas e uma linha de resistência para evitar que deixem de seguir os seus conselhos.

Assim sendo, o que Ellen Gould White escreveu é importante para as conclusões que a IASD tira em relação a todo e qualquer assunto acerca do qual a Bíblia não apresenta um posicionamento claro. Afinal, "ninguém lê a história do povo do advento sem ser, com frequência, impressionado poderosamente com o fato de que foram os conselhos de Ellen White que, por meio da inspiração, guiaram e firmaram o movimento."<sup>194</sup>

Isso não significa que Ellen Gould White represente uma segunda Bíblia para a IASD. Nada se compara com a Bíblia na compreensão adventista. O que ela escreveu é avaliado pela Bíblia, e não o contrário. Assim, no pensamento adventista, os escritos de Ellen White, a despeito de sua grande importância, são *norma normata*, de modo que a Bíblia segue sendo *norma normans*. O que ela escreveu não faz parte do cânon, mas é avaliado pelo cânon bíblico. Isso não significa que a IASD não considere Ellen Gould White tão inspirada como os profetas bíblicos. A IASD considera que Ellen Gould White teve o mesmo grau de inspiração dos profetas bíblicos, pois não existe um texto ser meio inspirado por Deus, ou foi inspirado de

---

<sup>192</sup> Vide 2 Crônicas 20.20.

<sup>193</sup> NICHOL, 2020, p. 16-17.

<sup>194</sup> NICHOL, 2020, p. 16.

forma plena ou não foi inspirado. Mas, na visão adventista, jamais fará parte do cânon sagrado, assim como vários outros profetas de Deus no passado, mesmo alguns que escreveram alguma coisa, seus escritos não fazem parte do atual cânon sagrado. João Batista, por exemplo, não escreveu nada e foi um grande profeta. A inspiração divina não está limitada ao profeta ter algo no cânon ou não.

Porém, tem havido uma tensão quanto ao papel ocupado por Ellen White e por seus escritos na IASD. Isso foi gradualmente trazendo para a igreja uma certa polarização. Um extremo passando a considerar os seus escritos antiquados ou até mesmo uma fraude, o outro indo na direção de considerar seus escritos “como se fossem verbalmente inspirados e inerrantes em cada detalhe”.<sup>195</sup> Essa tensão e polarização, por outro lado, levou a um aumento na produção acadêmica sobre essas questões e isso proporcionou uma compreensão mais sofisticada sobre o entendimento adventista relacionado à revelação e à inspiração.<sup>196</sup>

É possível que no futuro haja alguma mudança na forma da IASD perceber os textos de Ellen White, e isso poderá mudar drasticamente a essência da própria igreja. Na última assembleia da Associação Geral das IASD, em St. Louis, Missouri, em 2022, foi reafirmada a posição adventista quanto aos escritos de Ellen White.<sup>197</sup> No momento a IASD segue reafirmando a sua crença na Bíblia e no dom profético de Ellen Gould White, por isso o que ela escreveu ainda possui muita relevância para a IASD.

## 4.2 ELLEN GOULD WHITE E AS DRAMATIZAÇÕES

Ellen G. White foi um fenômeno literário. Na época de sua morte, em 16 de julho de 1915, seu *corpus* literário incluía 26 livros, cerca de 200 folhetos e panfletos, mais de 5 mil artigos em periódicos, 6 mil cartas datilografadas e manuscritos gerais, além de diários, totalizando aproximadamente 100 mil páginas de material ao longo de seus 71 anos de ministério (1844-1915.)<sup>198</sup>

Ela produziu muita coisa, sobre muitos assuntos relacionados a igreja, a saúde, a conduta cristã, administração, educação etc. E como a IASD considera Ellen

<sup>195</sup> KNIGHT, George R. **Em busca de identidade**: o desenvolvimento das doutrinas adventistas do sétimo dia. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2006. p. 195.

<sup>196</sup> KNIGHT, 2006, p. 194.

<sup>197</sup> SEIXAS, Anne. Declarações sobre a Bíblia e os escritos de Ellen White são aprovadas. **Igreja Adventista do Sétimo Dia**. 11 de junho de 2022. Disponível em: <https://noticias.adventistas.org/pt/noticia/biblia/declaracoes-sobre-a-biblia-e-os-escritos-de-ellen-white-e-aprovada/> Acesso em 16 dez. 2022.

<sup>198</sup> FORTIN, Denis; MOON, Jerry. **Enciclopédia Ellen G. White**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2018. p. 29

Gould White como uma profetisa, os seus escritos ocupam um papel de destaque para a IASD.

Dentre os diversos assuntos abordado por Ellen White, se encontram muitas citações sobre o teatro e as dramatizações. Isso demonstra a importância do assunto para ela e o perigo que tais práticas poderiam representar para os adventistas. Sua visão sobre o teatro pode ser resumida e entendida nas suas seguintes palavras:

Satanás está empregando todos os meios para tornar populares o crime e o vício aviltante. Não podemos andar pelas ruas de nossas cidades sem encontrar notícias inflamantes de crimes, apresentadas em algum romance, ou a serem representados em algum teatro. A mente é educada de maneira a familiarizar-se com o pecado. A conduta seguida pelos que são baixos e vis é posta perante o povo nos jornais do dia, e tudo que pode excitar a paixão é trazido perante eles em histórias excitantes. Ouvem e leem tanto acerca de crimes aviltantes que a consciência, que já fora delicada, e que teria recuado com horror de tais cenas, se torna endurecida, e ocupam-se com tais coisas com ávido interesse. Muitos dos divertimentos populares do mundo hoje, mesmo entre aqueles que pretendem ser cristãos, propendem para os mesmos fins que os dos gentios, outrora. Poucos há na verdade entre eles, que Satanás não torne responsáveis pela destruição de almas. Por meio do teatro ele tem operado durante séculos para excitar a paixão e glorificar o vício. A ópera com sua fascinadora ostentação e música sedutora, o baile de máscaras, a dança, o jogo, Satanás emprega para derribar as barreiras do princípio e abrir a porta à satisfação sensual. Em todo ajuntamento onde é alimentado o orgulho e satisfeito o apetite, onde a pessoa é levada a esquecer-se de Deus e perder de vista os interesses eternos, está Satanás atando suas correntes em redor da alma.<sup>199</sup>

A ênfase do texto relacionado ao teatro está justamente na depravação do caráter produzido através da visualização das coisas torpes da vida. Gradualmente isso gera uma proximidade, uma dessensibilização do pecado até o ponto de atingir uma atração a ele. Dentre várias possibilidades de ambientes deletérios, o teatro tem um destaque nos escritos de Ellen White.

“Entre as casas de diversões, a mais perigosa é o teatro. Em lugar de ser uma escola de moralidade e virtude, como costuma ser chamada, é ele justamente o viveiro da imoralidade.”<sup>200</sup> Sendo assim, segundo White, “o único caminho seguro é evitar o teatro, o circo e todos os outros lugares de diversões duvidosos.”<sup>201</sup>

“Viveiro de imoralidade” um local para criar e desenvolver a imoralidade, é sem dúvida um termo muito forte para se aplicar ao teatro. Não restam dúvidas de

---

<sup>199</sup> WHITE, Ellen G. **Patriarcas e profetas**. 16. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015. p. 459-460.

<sup>200</sup> WHITE, Ellen G. **Testemunhos para a igreja**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2009. v. 4. p. 653.

<sup>201</sup> WHITE, 2009, p. 653.



que, para Ellen White, o teatro é terrível em sua essência. Isso tudo em relação ao teatro que ela conhecia, não, necessariamente, à totalidade dos teatros da atualidade, e muito menos às dramatizações bíblicas.

Algumas das citações de Ellen White sobre as dramatizações podem ser entendidas facilmente e percebe-se que não se referem às dramatizações numa programação especial, mas às dramatizações de comportamento, do pregador, por exemplo, ao gesticular de modo ensaiado para induzir as pessoas ouvintes a alguma reação psicológica desejada, uma espécie de manipulação e que ela é totalmente contrária.

Tenho uma mensagem para os que estão com a responsabilidade de nossa obra. Não animeis os homens que devem empenhar-se neste trabalho a pensarem que devam proclamar a solene e sagrada mensagem em estilo teatral. Nem um jota nem um til de qualquer coisa teatral deve parecer em nossa obra. A causa de Deus deve ter molde sagrado e celestial. Fazei com que tudo esteja em conexão com a apresentação da mensagem para que este tempo tenha o sinete divino. Não permitais que haja qualquer coisa de natureza teatral, pois isto prejudicaria a santidade da obra. Foi-me mostrado que nos defrontaremos com todas as espécies de experiências, e que os homens procurarão introduzir representações estranhas na obra de Deus. No início de meu trabalho, foi dada a mensagem de que todas as representações teatrais, em conexão com a pregação da verdade presente, fossem desaconselhadas e proibidas.<sup>202</sup>

O texto fala de um estilo de pregação, teatral. E Ellen White continua,

alguns pastores cometem o erro de pensar que o sucesso depende de arrastar uma grande congregação pelo aparato exterior, anunciando depois a mensagem da verdade em estilo teatral. Isso, porém, é empregar fogo comum, em lugar de fogo sagrado ateador por Deus. O Senhor não é glorificado por essa maneira de trabalhar.<sup>203</sup>

Vários textos de Ellen Gould White apresentam esse contexto facilmente identificado como se referindo ao estilo de pregação, e não às dramatizações em si. E as dramatizações bíblicas estão totalmente fora desse enquadramento de Ellen White. Neste próximo texto, ela fala sobre cantores e dramatizações que eram contratados para atrair público numa programação evangelística para depois poder-se pregar o evangelho. Ela diz que,

em seus esforços para alcançar o povo, os mensageiros do Senhor não devem seguir as maneiras do mundo. Nas reuniões realizadas, não devem

---

<sup>202</sup> WHITE, Ellen G. **Evangelismo**. 3. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008. p. 137.

<sup>203</sup> WHITE, 2008, p. 136.

dependem de cantores do mundo nem de exposições teatrais para despertar o interesse.<sup>204</sup>

Esse modelo, segundo Ellen White, é o modelo do mundo de atrair público e que a IASD não deveria depender desse tipo de coisa. Isso não está condenando a dramatização de histórias bíblicas, pois isso nada tinha a ver com histórias bíblicas, mas era com teatro comum, comumente utilizado para atrair interessados.

Porém existem alguns outros textos de Ellen White que podem ser mais complicados de se entender. Eles parecem se referir exatamente às diversas dramatizações, independente do seu conteúdo, condenando essa prática.

A grande questão para a IASD é entender e saber como interpretar corretamente cada um dos textos. Por essa razão, existem inúmeros estudos que analisam uma série de assuntos abordados por Ellen Gould White. Assim como tem acontecido no mundo da hermenêutica bíblica, acontece também em relação aos escritos de Ellen White.<sup>205</sup> É necessário analisar os seus escritos à luz das palavras utilizadas e o que elas significavam na época dela, no contexto da época, cultura, costumes, etc.

A própria White apresenta um princípio importante que é a chave hermenêutica para os seus conselhos. “Deus quer que todos tenhamos bom senso, e Ele quer que raciocinemos com bom senso. As circunstâncias alteram as condições e podem mudar a relação das coisas.”<sup>206</sup>

Com base neste texto, é interessante analisar as circunstâncias existentes quando Ellen White escreveu algo sobre o assunto estudado para descobrir se mudaram as circunstâncias retratadas no passado e que, conseqüentemente, haveria também uma mudança na recomendação. Ellen Gould White nunca foi inflexível em suas falas e por vezes até se assustava quando alguns conseguiam utilizar os seus textos sem nenhum critério razoável. Em certa ocasião, ela “ficou estarelecida com seus leitores que tomavam uma atitude inflexível e buscavam seguir seu conselho ao

---

<sup>204</sup> WHITE, 2008, p. 508-509.

<sup>205</sup> Conf. CENTRO WHITE. Hermenêutica dos escritos de Ellen G. White. Disponível em: <http://centrowhite.org.br/perguntas/perguntas-sobre-ellen-g-white/hermeneutica-dos-escritos-de-ellen-g-white/> Acesso: 14 nov. 2022.

<sup>206</sup> WHITE, Ellen G. **Mensagens escolhidas**. 2. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1987. v. 3. p. 217.

pé da letra ao mesmo tempo que perdiam de vista seu princípio fundamental.”<sup>207</sup> Essa prática é condenável tanto na leitura bíblica como nos escritos de Ellen Gould White.

Isso não significa um salvo conduto para fazer o texto a ser interpretado dizer exatamente o contrário do que ele está dizendo, mas serve para se entender melhor o princípio contido na recomendação, mesmo que a recomendação tenha de ser reformulada em função de mudanças nas circunstâncias.

Para que isso possa ficar claro, a título de exemplo, pode-se citar algumas recomendações de Ellen White contra as fotografias<sup>208</sup> ou contra as bicicletas<sup>209</sup>. A recomendação não era contra a fotografia ou contra a bicicleta em si, mas refletia uma época que havia um custo exagerado para esses itens. Era uma outra realidade, na qual esses itens eram caros e sua aquisição era facilmente transformada em exibicionismo. Mesmo correspondendo a outra realidade e época, há nas proibições de Ellen White princípio de economia e de controle sobre o impulso consumista, o que apresenta um caráter permanente e válido, que pode ser aplicado, por exemplo, ao ato contemporâneo de adquirir um carro, um relógio, uso das redes sociais etc.

Da mesma forma, existem citações contra o teatro e as dramatizações que precisam ser contextualizadas e entendidas à luz do seu contexto e trazidas para a atualidade sob uma perspectiva que reflita a intensão de Ellen White caso estivesse nos dias atuais e desejasse proteger a igreja com suas recomendações. Existem pesquisas feitas e posicionamentos desses pesquisadores e da própria IASD sobre o assunto das dramatizações, conforme veremos no próximo tópico. Algumas citações serão aqui apresentadas no intento de entender o que ela escreveu sobre o assunto e no próximo tópico compreenderemos o que a IASD tem a dizer sobre o assunto.

Os textos de Ellen White podem até aparentar uma determinação contrária ao uso do teatro e das dramatizações quando lidos sem muita atenção. Ela disse que

formalidade, orgulho e amor à ostentação têm ocupado o lugar de verdadeira piedade e humilde devoção. Veríamos diferentes estados de coisas se determinado número se consagrasse inteiramente a Deus, e então devotasse seus talentos à obra da Escola Sabatina, avançando sempre no conhecimento, educando-se para que pudessem instruir a outros quanto aos melhores métodos a serem empregados na obra; mas não devem os obreiros

---

<sup>207</sup> KNIGHT, George R. **Mitos na educação adventista**: um estudo interpretativo da educação nos escritos de Ellen G. White. Engenheiro Coelho: Unaspress – Imprensa Universitária Adventista, 2010. p. 17.

<sup>208</sup> FORTIN; MOON, 2018, p. 939.

<sup>209</sup> FORTIN; MOON, 2018, p. 718.

procurar métodos pelos quais ofereçam um espetáculo, consumindo tempo em representações teatrais e exibições de música, pois isto não beneficiaria a ninguém. Não é bom ensaiar crianças para que façam discursos em ocasiões especiais. Devem elas ser ganhas para Cristo, e em lugar de despende tempo, dinheiro e esforço para uma encenação, que todo esforço seja feito a fim de preparar os molhos para a colheita.<sup>210</sup>

Ao ler este texto de forma superficial, pode parecer que qualquer forma de teatro ou representação dramática esteja ali incluída e deva ser condenada. No entanto, o texto não especifica qual tipo de teatro ou dramatização está sendo considerado. É importante ler o texto cuidadosamente e considerar o contexto em que ele foi escrito para entender plenamente o que ele está tentando dizer, já que é possível que apenas algumas formas de teatro ou dramatização sejam ali condenadas, enquanto outras não. Ao examinar cuidadosamente este texto, é possível perceber que existem duas perspectivas diferentes. Por um lado, algumas formas de teatro ou dramatização podem não ser benéficas e úteis. Por outro lado, outras formas podem ser usadas como meios para ensinar sobre Cristo e conduzir as pessoas a Ele, sendo esse exatamente o caso de dramatizações de histórias bíblicas. Mesmo um texto que, aparentemente, apresente fortes afirmações contrárias às dramatizações como um todo, pode ser entendido de um modo mais delimitado, como condenando um tipo específico de dramatizações, a saber, as que não conduzem ao avanço do conhecimento bíblico. Segundo Ellen White, tais dramatizações alimentam a formalidade, o orgulho, a ostentação, consumindo tempo, dinheiro e esforço das pessoas. Seguindo a lógica dos argumentos de Ellen G. White, não podemos inferir que o texto esteja condenando uma dramatização que faça o conhecimento bíblico ser ampliado, na qual os talentos sejam devotados à pregação do evangelho e que, usando uma expressão de Ellen White, prepare os “molhos para a colheita”<sup>211</sup> Como em todo processo hermenêutico, é importante considerar e entender o texto na sua integralidade, compreendendo o contexto e o propósito de cada forma de dramatização para que se possa, da melhor forma, determinar a essência do teor da recomendação. Vejamos outro texto de White:

A obra de Satanás é levar os homens a ignorarem Deus, para assim ocupar a mente e mantê-la absorta, de modo que Deus não esteja em seus pensamentos. A educação que eles têm recebido tem sido de caráter tal que confunde a mente e obscurece a verdadeira luz. Satanás não deseja que o povo tenha conhecimento de Deus; e se ele puder pôr em operação jogos e

---

<sup>210</sup> WHITE, Ellen G. **Fundamentos da educação cristã**. 2. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1996. p. 253.

<sup>211</sup> WHITE, 1996, p. 254.

representações teatrais que confundam os sentidos dos jovens de modo que os seres humanos pereçam nas trevas enquanto a luz brilha em torno deles, ele se rejubilará.<sup>212</sup>

Percebe-se através desse texto que o sentido para os jogos e dramatizações está relacionado a coisas que podem confundir os sentidos dos jovens. Como algo em oposição ao conhecimento de Deus. Olhando nessa perspectiva, podemos afirmar que a condenação de Ellen Gould White não se refere às dramatizações bíblicas que se preocupam em trazer um conhecimento de Deus.

Segundo a perspectiva de White, o teatro por si só não é uma prática cristã. Fazer teatro não deve ser usado como uma justificativa para se exercitar. É nesse sentido que ela disse:

Não tenho conseguido encontrar nenhum caso em que Ele tenha ensinado os Seus discípulos a empenharem-se na diversão do futebol ou em jogos de competição, a fim de fazerem exercícios físicos, ou em representações teatrais; e, no entanto, Cristo era nosso modelo em todas as coisas.<sup>213</sup>

Isso significa dizer que não pode fazer teatro bíblico? Certamente não é isso que o texto diz. De igual forma, Ellen White não condena o simples brincar com uma bola<sup>214</sup>. O texto discorre para a justificativa de se fazer qualquer tipo de teatro, de caráter totalmente mundano, utilizando o argumento de que se está fazendo a título de exercitar-se. Ellen White demonstra que um bom motivo não justifica o meio a ser utilizado para se chegar a esse fim. Mas o texto, apesar de forte, não diz que fazer teatro bíblico seja errado.

Satanás deleita-se quando vê seres humanos empregando as faculdades físicas e mentais naquilo que não educa, não tem utilidade, não os ajuda a ser uma bênção aos que necessitam de seu auxílio. Enquanto a juventude se adentra em jogos destituídos de valor para eles e para os outros, Satanás joga a partida da vida por sua alma, tirando-lhes os talentos dados por Deus, e substituindo-os por seus próprios atributos maus. É seu empenho levar os homens a passarem por alto a Deus. Busca ocupar-lhes e absorver-lhes tão completamente o espírito, que o Senhor não encontre lugar em seus pensamentos. Não quer que o povo conheça a seu Criador, e fica bem satisfeito se pode pôr em funcionamento jogos e representações teatrais que por tal forma confundam o senso da juventude de que Deus e o Céu sejam esquecidos.<sup>215</sup>

<sup>212</sup> WHITE, Ellen G. **O lar adventista**. 13. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003. p. 401,402.

<sup>213</sup> WHITE, 1996, p. 229.

<sup>214</sup> WHITE, 2003, p. 499.

<sup>215</sup> WHITE, Ellen G. **Conselhos aos professores, pais e estudantes**. 5. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000. p. 274-275.

O texto discorre sobre coisas que não tenham valor nem para quem faz e nem para quem vê. Ignorando as coisas do alto, destituídas de benefício espiritual. Apesar do texto citar as representações teatrais, esse cenário não se aplica às dramatizações bíblicas. Os textos citados até aqui têm demonstrado que a incompreensão que existe em uma parcela dos membros da IASD nasce da generalização da expressão de condenação de Ellen Gould White às dramatizações, sem fazer a devida distinção da natureza e objetivo de tais dramatizações.

### **4.3 A IGREJA ADVENTISTA E AS DRAMATIZAÇÕES**

A IASD tem utilizado as dramatizações nas suas programações há muito tempo. Principalmente nas instituições educacionais, o uso das dramatizações é um recurso bastante comum. Porém, existe uma parcela dos membros que é contra o uso de tais recursos. Como vimos, essa contrariedade é resultado da leitura de alguns textos de Ellen Gould White que parecem apontar para uma condenação do uso das dramatizações e do teatro como um todo. Porém, o entendimento do contexto desses textos não deixa clara ou explícita essa proibição. Antes, a leitura mais aprofundada deles nos permite outros entendimentos.

A IASD fornece alguns princípios e explicações para se entender a posição de Ellen White sobre o uso das dramatizações. As pessoas que não aceitam as dramatizações na IASD, geralmente, não aceitam o posicionamento da liderança da igreja quanto às dramatizações, criando a autoimagem de que estão sendo fiéis às ideias de Ellen White, como se estivessem ao lado no combate ao teatro. Diante dessa postura, a IASD tem emitido pareceres para ajudar os seus membros a entenderem melhor esse assunto.

Alguns documentos foram emitidos pela IASD com a finalidade de nortear a questão do uso das dramatizações nas instituições adventistas. Dentre eles, três serão aqui apresentados, sendo suficientes para esclarecer o assunto no que tange ao posicionamento da Igreja Adventista sobre o tema.

O primeiro documento aqui enumerado e provavelmente o principal trata-se de um documento de declaração preparado por Arthur L. White, neto de Ellen Gould White. Na época ele era secretário das publicações de Ellen G. White do *White Estate*, instituição da IASD responsável pela curadoria do patrimônio literário de Ellen Gould

White. Essa instituição fornece recursos e materiais sobre a vida e ensinamentos de Ellen White, incluindo seus escritos, biografia e estudos bíblicos. Também é responsável por manter a integridade dos escritos de Ellen White e garantir que sejam disponibilizados de maneira precisa e fiel. E sobre essa temática produziu o documento apresentando o parecer da igreja sobre as representações dramáticas em instituições adventistas.

Esse documento afirma que os textos de Ellen White, que aparentemente condenam as dramatizações, a partir de “um exame desses conselhos não revela uma condenação peremptória de todos os programas dramatizados. Em outras palavras, Ellen White não condena um programa só pelo fato de ser dramatizado.”<sup>216</sup> Com esse pensamento em mente, pode-se passar para os principais argumentos do documento e que justifiquem essa conclusão.

O documento enfatiza o valor dos recursos visuais, mas também entende o potencial que pode ser utilizado para o mal. Diante dos vários textos de Ellen White advertindo quanto aos perigos dos dramas sensacionais e divertimentos teatrais, pode-se ter a impressão de que ela estava condenando todo e qualquer tipo de dramatização feita. Porém essa não é a realidade. O ponto alto do documento está na apresentação do comentário de Ellen White sobre uma dramatização encenada pelas crianças numa programação de Escola Sabatina<sup>217</sup> que aconteceu no Natal de 1888 em Battle Creek. Nesse documento, Ellen White elogia a representação das crianças. Ela jamais teria assistido e/ou elogiado algo que condenasse sem qualquer ponderação.

Ellen Gould White fez algumas críticas à programação como um todo, mas não condenou a dramatização pelo fato de ser uma dramatização. De acordo com o documento, se na visão de Ellen White as dramatizações fossem algo pecaminoso, por si só, isso teria ficado claro neste relato específico acerca de uma dramatização que ela assistiu e acerca da qual deixou um comentário. Porém, isso não aconteceu. Ela foi, assistiu, comentou, criticou a dramatização, não pela dramatização em si,

---

<sup>216</sup> WHITE, Arthur L. **Representações dramáticas em Instituições Adventistas**. IN. Centro de Pesquisas Ellen G. White. Disponível em: <http://centrowhite.org.br/pesquisa/artigos/representacoes-dramaticas-em-instituicoes-adventistas/> Acesso em 16 dez. 2022. Uma versão menor do argumento pode ser encontrada em: FAGAL, William. **101 perguntas sobre Ellen White e seus escritos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2013. p. 81.

<sup>217</sup> Escola Sabatina é a designação dada as classes de estudos da Bíblia para as diferentes faixas etárias na IASD. Uma espécie de escola dominical, só que aos sábados.

atendo-se a pontos que ela entendeu que poderiam ser levados em consideração e melhorados. Essa experiência é determinante para se entender a posição de Ellen Gould White sobre o assunto das dramatizações.

Outro fator fundamental para se consolidar e entender o posicionamento de Ellen White sobre o assunto é quando ela diz que “Deus quer que tenhamos bom senso, e Ele quer que raciocinemos com bom senso. As circunstâncias alteram as condições e podem mudar a relação das coisas.”<sup>218</sup> Com essa chave hermenêutica, deve-se tentar entender as condições do teatro e das dramatizações no tempo de Ellen White e verificar se continuam as mesmas ou se são diferentes. Se forem as mesmas condições, a recomendação é a mesma. Se houver mudanças nas recomendações, a recomendação precisa ser analisada com bom senso.

Diante disso, quais eram as condições do teatro no tempo de Ellen Gould White?

Um estudo do teatro e do drama nos Estados Unidos a partir da década de 1860 confirma as descrições de Ellen White e fornece um contexto útil. Falando sobre o teatro, ela se referia, em primeiro lugar, a uma forma distintamente americana de entretenimento popular da época. Suas exposições iniciais se dirigem especialmente à situação do oeste dos Estados Unidos, onde, durante a década de 1850, na corrida do ouro na Califórnia, os salões e teatros se desenvolviam ao lado de bares, salas de jogos e bordéis. Muitas vezes os três estabelecimentos eram abrigados sob o mesmo teto, sendo o frequentador submetido às atividades periféricas em torno do teatro.<sup>219</sup>

Diante dessa realidade, Ellen White apresentava fortes condenações a esse ambiente de teatro. Um ambiente que estava sendo abrigado pelo mesmo teto e ao lado de um bordel, de fato, precisa de fortes declarações para que os crentes se mantenham distantes desse local. Cabe recordar que, ainda que as condições dos espetáculos teatrais fossem essas, mesmo assim ela não foi contra as dramatizações de histórias bíblicas. Ainda assim, Ellen White era cautelosa quando se referia a reuniões evangelísticas em espaços como os teatros.

Embora, em seu tempo, as séries evangelísticas fossem realizadas frequentemente em teatros como os únicos auditórios disponíveis para reuniões públicas maiores, ela expressava muitas preocupações quanto a esse centro de diversões. A escritora encarava a questão sob uma trílice

---

<sup>218</sup> WHITE, 1987, p. 217.

<sup>219</sup> FORTIN; MOON, 2018, p. 1319.



influência: de seu ambiente, do conteúdo indecente dos programas e do caráter ilusório da experiência.<sup>220</sup>

Essas preocupações de Ellen White tinham por motivação o ambiente, que de fato era potencialmente comprometedor, além disso, o conteúdo dessas dramatizações, que envolviam uma série de questões morais, desde imoralidade sexual até discriminação racial, nas quais era comum as ironias que menosprezavam o povo negro. E o caráter ilusório da experiência, que também era condenável por ser uma fonte de estímulo ao desejo por divertimentos com o objetivo de ocupar o lugar de Deus na vida das pessoas.

Se tais pontos de preocupação não existem hoje, pode-se deduzir que as recomendações de Ellen White não se aplicam. Se, porém, as condições são as mesmas ou similares, as recomendações permanecem intactas. Isso tudo em relação ao teatro e não às dramatizações de histórias bíblicas.

Em um leque mais amplo de questões relacionados à dramatização, Ellen Gould White também adentra uma outra questão que “tem que ver com as representações teatrais nos contextos religiosos.”<sup>221</sup> Ela se refere às dramatizações ou ao teatro praticado por alguns pregadores, que consistia em atitudes, comportamentos, expressões calculadas para se alcançar determinado objetivo, manipulando a plateia. Ela condenou de forma insistente e clara esse procedimento de alguns pregadores. Muitos dos textos de White enfocam nessa direção e eles não têm nada a ver com as dramatizações bíblicas, portanto não se aplicam a elas, ainda que alguns adventistas utilizem tais textos para solidificar a sua posição contra as dramatizações.

Esses adventistas tiveram voz na *Revista Adventista* e, vez por outra, enviavam cartas à redação da revista, tendo, por parte da revista, resposta para as suas dúvidas sinceras. A título de exemplo, na seção de cartas da *Revista Adventista* de janeiro de 1996, Paulo Sérgio Kanasiro expressou a sua preocupação assim: “verifiquei um erro que normalmente ocorre em nossas igrejas: o incentivo ao uso de dramatizações.”<sup>222</sup> Em resposta a esta e a outras inquietações similares, no mesmo

---

<sup>220</sup> FORTIN; MOON, 2018, p. 1319.

<sup>221</sup> FORTIN; MOON, 2018, p. 1320.

<sup>222</sup> KANASIRO, Paulo Sérgio. Cartas. *Dramatização. Revista Adventista*, Vol. 90, n.1, p. 3, jan. 1996. Disponível em <https://acervo.cpb.com.br/ra>. Acesso em 14 ago. 2022.

ano, Alberto Timm apresentou um artigo na Revista Adventista para esclarecer alguns pontos sobre o uso das dramatizações na igreja.<sup>223</sup>

No artigo, Alberto Timm começa falando sobre a relevância da visão no processo de aprendizagem, indicando que ela corresponde a 83% do aprendizado, enquanto a audição é responsável por apenas 11%. Dessa forma, o pastor destaca a importância de a IASD utilizar recursos visuais para a pregação do evangelho.

O artigo se propõe a responder à seguinte pergunta: “Até que ponto poderia esta denominação incorporar recursos visuais e dramatizações em seus serviços religiosos, sem com isso infringir princípios expostos na Bíblia e nos escritos de Ellen White?”<sup>224</sup>

O artigo começa demonstrando que no Antigo Testamento havia uma série de objetos e estruturas físicas que eram uma prefiguração dramática da salvação, tais como, altares patriarcais, tabernáculo mosaico, templo de Jerusalém, animais sacrificados, festas de Israel, circuncisão, serpente de bronze, até mesmo o profeta Oséias, ao casar-se com uma prostituta, estava dramatizando a apostasia espiritual de Israel.

No Novo Testamento, as ilustrações vívidas da natureza e da vida diária continuam a ser apresentadas por Cristo como as parábolas em que, por exemplo, havia um semeador semeando num campo e Jesus, aproveitando aquela visão do semeador a semear, apresenta a parábola do semeador. Além disso, as cerimônias como o Batismo, o lava pés, a Santa Ceia, trazem em si manifestações simbólicas que podem ser entendidas, ainda que parcialmente, como dramatizações.

Ao analisar as dramatizações nos escritos de Ellen Gould White, Alberto Timm considerou que ela endossou as dramatizações litúrgicas do Antigo e do Novo Testamento e engrandeceu o ritual sacerdotal de Cristo no Céu. Ela não condenou as dramatizações que assistiu em Battle Creek em 1888, não condenou o uso de animais proféticos como ilustrações evangelísticas.<sup>225</sup>

Alberto Timm observa:

---

<sup>223</sup> TIMM, Alberto R. O uso de dramatizações na igreja. **Revista Adventista**, Vol. 90, n.9, p. 8-9, set. 1996. Disponível em <https://acervo.cpb.com.br/ra>. Acesso em 14 ago. 2022.

<sup>224</sup> TIMM, 1996, p. 8.

<sup>225</sup> TIMM, 1996, p. 9.

É interessante notarmos que as próprias citações de Ellen White que desaprovam o uso de exposições teatrais, identificam também as características negativas básicas que a levaram a se opor a tais exposições. Dentre essas características destacamos as seguintes: (1) afastar de Deus; (2) levam a perder de vista os interesses eternos; (3) alimentam o orgulho; (4) excitam a paixão; (5) glorificam o vício; (6) estimulam o sensualismo; e (7) depreciam a imaginação.<sup>226</sup>

Conseqüentemente, um modelo de teatro, dramatização ou bibliodrama que não tenha essas características não é condenado por Ellen Gould White e nem pode ser condenado pelos adventistas.

Disto inferimos que dramatizações são aceitáveis, em contrapartida, quando: (1) aproximam de Deus; (2) chamam a atenção para os interesses eternos; (3) não alimentam o orgulho; (4) não excitam a paixão; (5) desaprovam o vício; (6) não estimulam o sensualismo; e (7) elevam a imaginação.<sup>227</sup>

Diante desses pontos que alinham os tipos de dramatizações aceitáveis, do ponto de vista de Ellen Gould White e da IASD, pode-se concluir que não basta ter boas intenções, mas é necessário que tudo seja pensado em aproximar realmente de Deus, e muitas dramatizações religiosas se enquadram nessa linha, especialmente os modelos de bibliodrama que também não fujam desses norteadores.

---

<sup>226</sup> TIMM, 1996, p. 9.

<sup>227</sup> TIMM, 1996, p. 9.



## 5 UMA PROPOSTA DE BIBLIODRAMA PARA A IASD

Este trabalho não se propõe em resolver o dilema adventista sobre o uso ou não das dramatizações na IASD ou nas suas escolas. Alguns textos podem ser facilmente entendidos e contextualizados, enquanto outros podem ser um pouco mais desafiadores para alguns adventistas entenderem. Mas é possível verificar que, de acordo com as recomendações oficiais da IASD sobre o uso das dramatizações, ao estabelecer alguns parâmetros seguros para o uso delas no contexto da igreja, pode-se sugerir um modelo de bibliodrama que possa ser utilizado na IASD sem incorrer em transgressão dos princípios norteadores estabelecidos pela igreja.

Na realidade, é possível encaixar o bibliodrama nas diretrizes da IASD de forma mais fácil do que algumas das dramatizações que são atualmente realizadas na própria igreja. Com alguns poucos ajustes e adaptações, pode-se desenvolver um modelo de bibliodrama adequado para ser utilizado na IASD.

A questão determinante a ser observada nessa escolha de um modelo a ser utilizado na IASD é em relação a sua hermenêutica. O modelo de bibliodrama que utiliza o método crítico-histórico não seria o mais adequado para a IASD em função da orientação adventista ser em direção ao método gramático-histórico.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia ratifica a hermenêutica dos escritores bíblicos, de Antioquia e da Reforma. Rejeita o método alegórico de Alexandria e do catolicismo medieval, bem como o Método Crítico-Histórico do iluminismo racionalista e seus desdobramentos posteriores.<sup>228</sup>

Ao rejeitar esses métodos, a IASD reafirma a sua posição enquanto herdeiros da Reforma.

Os adventistas do sétimo dia são herdeiros hermenêuticos da Reforma. E, a exemplo do que fizeram os reformadores radicais do 6º século, eles estão continuamente buscando 'voltar às raízes', com o objetivo de fundamentar seus pressupostos, seus princípios de interpretação, sua prática na autoridade absoluta da infalível Palavra de Deus.<sup>229</sup>

---

<sup>228</sup> IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **Tratado de teologia:** adventista do sétimo dia. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011. p. 111.

<sup>229</sup> IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2011. p. 111.

O método Gramático-Histórico, adotado pela IASD, apresenta algumas características que o torna fundamental para a hermenêutica adventista. Ekkehardt Müller destaca alguns pontos do método Gramático-histórico:

Em contraste com muitas outras abordagens, o método bíblico-histórico reconhece o auto-testemunho das Escrituras e estuda seus fenômenos. Aceita a afirmação de que Deus se revelou (1 Sm 3:21), que entrou em uma relação com os autores humanos das Escrituras (Am 3:7; Ef 3:5), que também revelou verdade proposicional e comunicou mensagens (Dn 10:1; Tt 1:3), que inspirou os autores humanos a partilhar essas mensagens com outros (2Tm 3:16; 1Pe 1:10-12; 2Pe 1:19-21), e que a mensagem escrita é a Palavra de Deus (Mc 7:10-13).<sup>230</sup>

Essa abordagem enfatiza a importância da crença na revelação divina, na inspiração dos autores bíblicos e na autoridade final das Escrituras como Palavra de Deus. Algumas vozes no adventismo tem defendido uma mudança em direção a um Método Crítico-Histórico modificado, porém a maioria dos eruditos adventistas segue o Método Gramático-Histórico.<sup>231</sup>

O Método Crítico-Histórico tem como definição, a “Tentativa de aferir a veracidade e entender o significado dos dados bíblicos com base nos princípios e procedimentos da ciência histórica secular.”<sup>232</sup>

Enquanto o Método Gramático-Histórico é definido como a “Tentativa de entender o significado dos dados bíblicos empregando as considerações metodológicas extraídas somente da Escritura.”<sup>233</sup>

Diante disso, a Igreja Adventista do Sétimo Dia entende que o Método Gramático-Histórico esteja mais de acordo com a sua visão teológica e com o princípio da reforma da *Sola Scriptura*. “Esse método tem tido proponentes capazes desde os tempos da Reforma, inclusive os gigantes da exegese do século 19 da têmpera de Ernst Hengstenberg e Franz Delitzsch.”<sup>234</sup>

Na proposta de Bibliodrama para a IASD, não se trata de determinar qual é o método hermenêutico superior ou emitir um juízo de valor sobre eles. O foco está na escolha de um método que esteja em maior consonância com a teologia adventista,

<sup>230</sup> MÜLLER, Ekkehardt. Diretrizes para a interpretação das Escrituras. In: REID, George W. (ed.) **Compreendendo as Escrituras**: uma abordagem adventista. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2007. p. 111.

<sup>231</sup> IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2011. p. 111.

<sup>232</sup> IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2011. p. 108.

<sup>233</sup> IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2011. p. 108.

<sup>234</sup> IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2011. p. 103.

uma vez que estamos desenvolvendo um modelo de bibliodrama específico para essa comunidade. Não seria adequado preparar um modelo de bibliodrama adventista que não atenda às expectativas mínimas da Igreja Adventista.

Um modelo de Bibliodrama adequado à IASD não seria muito diferente dos modelos apresentados nesta pesquisa. Podendo ser uma variável dos modelos apresentados utilizando-se o Método Gramático-Histórico. Uma mudança simples que não afetaria a essência da prática bibliodramática.

Schneider-Harpprecht, ao apresentar o modelo de bibliodrama que contempla a concepção hermenêutica descrito por Gerhard M. Martin, demonstra que o modelo de Martin utiliza a hermenêutica histórico-crítica como algo integrante do bibliodrama, porém essa não é a realidade apresentada por Schneider-Harpprecht para os demais modelos de bibliodrama.<sup>235</sup> Por mais que o modelo hermenêutico seja interessante, não é o único modelo existente de bibliodrama, os demais modelos não exigem o uso da hermenêutica histórico-crítica. Schneider-Harpprecht conclui dizendo que “Martin e seus colegas, que desejam que cada um ache a sua maneira de fazer bibliodrama baseado em seus próprios fundamentos teológicos.”<sup>236</sup> Demonstrando que a hermenêutica deve ser adaptado de acordo com a hermenêutica utilizada pela comunidade religiosa que fará uso do bibliodrama. A versatilidade do bibliodrama em nada perderia com o uso de uma determinada hermenêutica, substituindo outra. O bibliodrama está muito acima dessas amarras teológicas.

O exemplo do Bibliodrama pastoral nessa questão liquida qualquer dúvida que possa surgir sobre a viabilidade do bibliodrama. Mesmo não utilizando o modelo hermenêutico histórico-crítico é um modelo de bibliodrama de grande sucesso e utilização na Igreja Católica Apostólica Romana. Vigni ao preparar as pessoas bibliodramatistas, ela os aconselha a seguir uma linha que não entrará em choque com a visão católica da Bíblia.

Para interpretar um texto bíblico, é importante, primeiramente, entender o contexto. Normalmente, depois de uma leitura pessoal repetida, seria ideal seguir alguns comentários de estudiosos bíblicos preparados e conhecidos. Não é difícil encontrar esse material na internet; de qualquer forma, é sempre

---

<sup>235</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1992, p.129.

<sup>236</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1992, p.129-130.

bom verificar a fonte do que lemos e que a interpretação e os comentários do autor sejam consoantes com o Magistério da Igreja.<sup>237</sup>

Essa forma de agir em relação a hermenêutica da igreja que utilizada o bibliodrama não tira a beleza e nem a utilidade da prática bibliodramática, conforme já foi apresentado em relação ao Bibliodrama Pastoral.

A proposta de bibliodrama a ser desenvolvido para a IASD deve aderir aos parâmetros sugestivos:

- Uso do Método Gramático-Histórico.
- Evitar o uso de objetos e assessórios que possam remontar a uma atividade mística, tais como mandalas, amuletos...
- Evitar dinâmicas que possam desencadear experiências psicológicas que comprometam a intimidade das pessoas participantes.

Esses parâmetros servem para nortear a prática a ser utilizada na IASD de modo a se evitar dificuldades de implantação do modelo. Com estes ajustes o bibliodrama poderá ser utilizado pela IASD, podendo oferecer as pessoas participantes e a igreja uma oportunidade de utilização de uma técnica diferenciada de evangelismo no cumprimento da missão da igreja. A Educação Adventista também será grandemente beneficiada com esse modelo de bibliodrama adventista para uso nas programações especiais além de poder ser utilizado na própria sala de aula, no ensino religioso e em outros ambientes que possa ser favorável a essa prática.

A vantagem terapêutica também será mais um benefício para as pessoas participantes, além da socialização que a prática favorecerá entre as pessoas participantes.

As etapas sugestivas para uma opção de bibliodrama em um modelo adventista são:

- **Comunicação da Palavra:** leitura do texto bíblico para um primeiro contato ou relembrar a história.

---

<sup>237</sup> VIGINI, 2017, p. 25-26.



- **Aprofundamento da Palavra:** Conhecer aspectos culturais que envolveram a história, ler comentários de Ellen White sobre a história, dentre outros.
- **Aplicação da Palavra:** um entendimento de como a história pode ser aplicada a sua vida ou à da comunidade e seu compartilhamento entre as pessoas participantes.
- **Experimentação:** com o uso de algumas dinâmicas, aproximar e vivenciar a história (dramatização).
- **Partilha da experiência:** em relação ao que foi estudado e o que foi sentido pela emoção de vivenciar a experiência, partilhar o que aprofundou a compreensão do relato.

As primeiras etapas privilegiam a razão, seguidas das demais etapas em que as emoções poderão ser experimentadas.

Este modelo de bibliodrama adventista aqui apresentado na sua estrutura básica precisará ser desenvolvido numa pesquisa futura e posto em prática de modo a testar e evoluir com alguns ajustes conforme a necessidade.



## 6 CONCLUSÃO

O bibliodrama é uma extraordinária ferramenta para tornar as histórias bíblicas, parábolas de Jesus, mais vívidos na mente das pessoas participantes. Tem-se mostrado um recurso fantástico na evangelização, na socialização, na educação, além dos fatores relacionados a terapêutica.

O Bibliodrama Pastoral e o Bibliodrama apresentado por Anete Roese se mostram práticas fantásticas que contribuem de forma muito acentuada nas respectivas comunidades em que são desenvolvidos. As diferenças existentes entre eles mostram apenas o potencial de adaptação do bibliodrama diante dos diferentes contextos.

Na realidade da Igreja Adventista do Sétimo Dia e da Educação Adventista, as dramatizações são amplamente difundidas e a prática do bibliodrama será bem recebido, principalmente porque o bibliodrama é muito mais do que dramatizações. Diante de algumas recomendações contrárias às dramatizações na Igreja Adventista do Sétimo Dia e ao grande interesse dessa comunidade em apresentar novas possibilidades de práticas atrativas para a evangelização, socialização e aprendizado é necessário buscar alternativas que permitam a transmissão envolvente e impactante dos ensinamentos bíblicos. O bibliodrama se apresenta como uma abordagem promissora para a IASD, capaz de superar essas restrições e proporcionar uma experiência enriquecedora para a congregação. Ao adotar o bibliodrama, a igreja tem a oportunidade de envolver os fiéis de maneira mais profunda nas histórias e parábolas bíblicas, fortalecendo sua compreensão e conexão emocional com as Escrituras Sagradas. Dessa forma, o bibliodrama pode desempenhar um papel importante na revitalização da transmissão dos ensinamentos bíblicos na Igreja Adventista do Sétimo Dia, permitindo que a mensagem divina seja comunicada de forma cativante e relevante para os membros da congregação.

A questão do uso das dramatizações na IASD pode estar longe de atingir uma total unanimidade entre os membros da Igreja Adventista. Porém a IASD possui uma posição clara sobre o assunto, não o condenando, mas apresentando certos aspectos a serem seguidos. Essa pesquisa não se deteve a esclarecer todos os pontos desta questão, mas a compreender a recepção dos textos de Ellen G. White sobre o tema e

o posicionamento da IASD diante deles, para então perceber que é possível o uso do bibliodrama na IASD.

A utilização do bibliodrama pode representar uma solução eficaz para a Igreja Adventista do Sétimo Dia, permitindo que ela explore as dramatizações de maneira alinhada com suas convicções e restrições. Essa abordagem oferece uma oportunidade única de enriquecer a experiência espiritual dos seus e das suas fiéis, promovendo uma compreensão mais profunda das histórias bíblicas e fortalecendo sua conexão emocional com os ensinamentos sagrados. Ao adotar o bibliodrama, a igreja pode proporcionar um ambiente de aprendizado interativo, no qual as pessoas participantes da congregação são incentivados a se envolver ativamente e a obterem uma interpretação significativa para as suas vidas, das narrativas bíblicas.

Além disso, o bibliodrama também pode ser uma ferramenta eficaz para alcançar diferentes grupos demográficos dentro da igreja, especialmente os mais jovens. Ao incorporar elementos teatrais e expressivos, o bibliodrama torna a experiência religiosa mais atrativa e envolvente para as pessoas jovens, despertando seu interesse e incentivando sua participação ativa nas atividades da igreja.

No entanto, é importante ressaltar que a introdução do bibliodrama na Igreja Adventista do Sétimo Dia requer uma abordagem cuidadosa e sensível. É fundamental garantir que a introdução do bibliodrama na comunidade seja conduzida de maneira respeitosa em relação às crenças e aos valores da igreja. Além disso, é necessário fornecer orientações claras e treinamento adequado para as pessoas na liderança dessas atividades e para as pessoas participantes, a fim de garantir que o bibliodrama seja utilizado de forma apropriada e edificante.

O bibliodrama pode desempenhar um papel significativo na Igreja Adventista do Sétimo Dia, permitindo que ela supere as restrições às dramatizações e explore novas formas de transmitir ensinamentos bíblicos. Ao adotar essa abordagem, a igreja pode enriquecer a experiência espiritual dos fiéis, promovendo uma compreensão mais profunda das escrituras e fortalecendo sua conexão com a fé. Com uma implementação cuidadosa e respeitosa, o bibliodrama tem o potencial de revitalizar e diversificar as práticas da Igreja Adventista, atendendo às necessidades espirituais e emocionais de sua congregação. Um bibliodrama adventista será para a Educação Adventista um grande diferencial na prática educativa da Rede, proporcionando

oportunidades de evangelização, socialização, além do efeito terapêutico para o corpo discente e docente.

O bibliodrama pode ser muito útil para todas as denominações, tendo um grande potencial para dinamizar o estudo bíblico e a própria evangelização, além dos benefícios relacionados à saúde, já que nele o caráter terapêutico do texto bíblico encontra espaço de expressão.

Concluimos que um método adequado de bibliodrama para a IASD precisará atentar para pequenas adaptações para se evitar alguma associação com elementos místicos ou que caracterizem um sincretismo religioso. Elementos dessa natureza que caracterize algo místico ou esotérico poderá limitar a sua utilização e aceitação, restringindo o conseqüente benefício da prática na IASD. Uma implantação respeitosa das características da IASD será, por si só, uma boa prática que facilitará a sua aceitação sem descaracterizar o método bibliodramático devido a sua grande versatilidade e adaptabilidade. O bibliodrama, como prática, está muito acima dessas dificuldades pontuais que facilmente poderão ser adaptadas sem descaracterizar e nem perder os seus benefícios.

A adaptação mais necessária será em relação ao método hermenêutico utilizado. Diferente do modelo de bibliodrama apresentado por Anete Roese que utiliza o método Crítico-Histórico, o modelo de bibliodrama para ser utilizado na IASD deverá seguir o método Gramático-Histórico, que é mais adequado a teologia adventista. O Bibliodrama Pastoral segue uma linha de bibliodrama sem a utilização do método Crítico-Histórico e isso não muda a essência do bibliodrama e nem das vantagens dele para a comunidade. Este modelo parece possuir maior afinidade e pode ser implantado na IASD sem necessitar de grandes adaptações. O Bibliodrama apresentado por Anete Roese, poderá também ser utilizado com a mudança do método hermenêutico Crítico-Histórico para o Gramático-Histórico. Um modelo que combine as duas práticas do bibliodrama pode ser igualmente bem recebido e utilizado na IASD. Um modelo de Bibliodrama que não utilize objetos que possam apresentar uma associação de algo místico ou sincretico, será uma excelente opção para benefício da IASD ao tornar o texto bíblico mais próximo e interativo dos leitores e das leitoras e demais participantes.

O modelo de bibliodrama apresentado nesta pesquisa para a Igreja Adventista do Sétimo Dia deverá ser testado em diferentes contextos da comunidade, bem como

da Educação Adventista, para que possa ser validado e evoluir com algumas adaptações futuras. O modelo adventista foi adaptado para poder aproveitar as características da IASD e da Educação Adventista, de modo a ser também utilizado em outras comunidades religiosas que possam apresentar algumas características em comum.

É importante destacar uma fundamental limitação da presente pesquisa, que está no fato de ambos os modelos necessitarem de um treinamento presencial para que sejam compreendidos adequadamente, principalmente no que tange ao funcionamento detalhado e prático de ambos. O material escrito de ambos os modelos revela que é necessária uma participação em cursos preparatórios para que se experimente na plenitude o modelo. Por isso essa pesquisa é concluída com a constatação da necessidade de continuação da pesquisa acerca de ambos os modelos, incluindo o aspecto prático, a fim de que sejam experienciados e que um modelo adaptado para a IASD possa ser testado na prática, avaliado e validado para uso nessa comunidade religiosa.

Na pesquisa, percebeu-se que o modelo chamado Bibliolog, muito utilizado na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e que por vezes é referenciado como sendo um bibliodrama, na sua forma básica, não utiliza a dramatização<sup>238</sup>. Por essa razão não foi objeto de estudo e consideração detalhada nesta dissertação que foca nas práticas que utilizam as dramatizações e o uso das dramatizações pela IASD. No entanto esse modelo também apresenta potencial de ser utilizado na IASD. Esse método apresenta algumas vantagens em relação ao bibliodrama, sendo a primeira delas o não ter a dramatização, o que facilitaria a aceitação na comunidade, em especial pela parcela de membros que costuma rejeitar as dramatizações. O tempo total do Bibliolog é de 10 a 30 minutos<sup>239</sup>, o que também seria uma grande vantagem, porque poderia ser utilizado facilmente na Educação Adventista, na igreja, além de diversos outros ambientes<sup>240</sup>, enquanto um bibliodrama seria mais difícil ou até impossível. Outra vantagem está no fato de poder ser utilizado em grandes grupos de centenas de pessoas<sup>241</sup>, algo impossível no bibliodrama. Por fim, percebe-se que uma

---

<sup>238</sup> POHL-PATALONG, 2023, p. 46.

<sup>239</sup> POHL-PATALONG, 2023, p.45.

<sup>240</sup> POHL-PATALONG, 2023, p. 118-180.

<sup>241</sup> POHL-PATALONG, 2023, p. 46.

pesquisa mais profunda com o foco no Bibliolog e a Igreja Adventista seria uma sugestão para pesquisas futuras.





## REFERÊNCIAS

AGTEN, J. Bibliodrama: Introducing stories from narrative traditions in the development of young people's life orientation. **Education sciences**, v. 9, n. 2, p. 107, 2019.

AZEVEDO, T. O Psicodrama de Moreno. **Psicoativo**. Disponível em: <<https://psicoativo.com/2019/09/o-psicodrama-de-moreno.html>>. Acesso em: 16 nov. 2022.

**Bibliolog anlässlich des Kirchentags bei evangelisch.de**. Disponível em: <<https://www.evangelisch.de/inhalte/186022/11-05-2021/online-bibliolog-anlaesslich-des-kirchentags-bei-evangelischde>>. Acesso em: 22 nov. 2022.

BOAL, Augusto. **O arco-íris do desejo**: método Boal de teatro e terapia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CENTRO WHITE. **Hermenêutica dos escritos de Ellen G. White**. Disponível em: <https://www.centrowhite.org.br/perguntas/perguntas-sobre-ellen-g-white/hermeneutica-dos-escritos-de-ellen-g-white/> Acesso: 19 jan. 2022.

DAUNIS, Roberto. Bibliodrama: um acesso à Bíblia no contexto pedagógico. **Estudos teológicos**, São Leopoldo, v.40, n.1, p.37-46, 2000.

DOUGLAS, Herbert E. **Mensageira do Senhor**: o ministério profético de Ellen G. White. 3. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

FAGAL, William. **101 perguntas sobre Ellen White e seus escritos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2013.

FORTIN, Denis; MOON, Jerry. **Enciclopédia Ellen G. White**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2018.

HASELBACHER, H.; KERN, S.; PFAFFENWIMMER, B. PsychodramatikerInnen sind HilfsregisseurInnen des Lebens: Interview mit dem Theologen und Psychotherapeuten Helmut Haselbacher. **Zeitschrift für Psychodrama und Soziometrie**, v. 13, n. 1, p. 117–124, 2014.

IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **Nisto cremos**: as 28 crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia. 10. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2019.

IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **Tratado de teologia**: adventista do sétimo dia. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

KANASIRO, Paulo Sérgio. Cartas. Dramatização. **Revista Adventista**, Vol. 90, n.1, p. 3, jan. 1996. Disponível em <https://acervo.cpb.com.br/ra>. Acesso em 14 ago. 2022.

KNIGHT, George R. **Em busca de identidade**: o desenvolvimento das doutrinas adventistas do sétimo dia. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

KNIGHT, George R. **Mitos na educação adventista**: um estudo interpretativo da educação nos escritos e Ellen G. White. Engenheiro Coelho: Unaspress – Imprensa Universitária Adventista, 2010.

KNIGHT, George R. **Prazer em conhecer Ellen White**: quem ela foi, o que fez e a diferença que faz. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2018.

LEUTAR, Z. Bibliodrama kao pastoralni izazov. **Diacovensia**, v. 27, n. 3, p. 531–549, 2019.

LEUTAR, Z.; KRELLER, H. Primjena bibliodrame u socijalnom radu sa starijim ljudima. **Revija za socijalnu politiku**, v. 21, n. 2, 2014.

MARKEVIČIUS, G. Asmenybės savivokos pokyčiai bibliodramos grupėje. **Psichologija**, v. 17, p. 126–143, 1997.

**MORASHÁ**. Jacob Levy Moreno. Ed. 35, 2001. Disponível em: <<http://www.morasha.com.br/biografias/jacob-levy-moreno.html>>. Acesso em: 16 nov. 2022.

MORENO, Jacob Levy. **Autobiografia**. São Paulo: Ágora, 2014.

MÜLLER, Ekkehardt. Diretrizes para a interpretação das Escrituras. In: REID, George W. (ed.) **Compreendendo as Escrituras**: uma abordagem adventista. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2007.

NICHOL, Francis D. **Ellen White e seus críticos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2020.

OLIVEIRA, Lygia de. **Na trilha dos pioneiros**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1990.

PFAFFENWIMMER, B. Wir in der Gesellschaft — die Gesellschaft in uns: Psychodramatische Betrachtungen zur Forumtheaterarbeit in Langzeitgruppen. **Zeitschrift für Psychodrama und Soziometrie**, v. 5, n. 2, p. 287–297, 2006.

PFAFFENWIMMER, B. Bibliodrama-Ein Handlungsraum zur Veränderung von perfekt-spirituellen Rollenerwartungen [Bibliodrama: A psychotherapeutic space to change spiritual roles. **Zeitschrift für Psychodrama Und Soziometrie**, v. 13, n. 1, p. 83–93, 2014.

PITZELE, Peter A. **Scripture Windows**: towards a practice of bibliodrama. Los Angeles: Alef, 1998.

POHL-PATALONG, Uta. **Bibliolog**: impulsos para o culto, a comunidade e a escola: volume 1: formas básicas. São Leopoldo: Sinodal, 2023.

ROESE, Anete. **Bibliodrama**: a arte de interpretar textos sagrados. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2015.

SALDANHA, Marcelo Ramos. Um teatro “não espetacular”: para além da catarse colonial. **Estudos teológicos**, v. 58, n. 2, p. 356-369, 2018.

SHAEFER, Richard A. **O legado de Loma Linda**: a herança do centro médico da universidade de Loma Linda. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1997.

SCHNEIDER-HARPPRECHT, C. O que é bibliodrama? **Estudos teológicos**, São Leopoldo, v.32, p.126-137, 1992.

SEIXAS, Anne. Declarações sobre a Bíblia e os escritos de Ellen White são aprovadas. **Igreja Adventista do Sétimo Dia**. 11 de junho de 2022. Disponível em: <https://noticias.adventistas.org/pt/noticia/biblia/declaracoes-sobre-a-biblia-e-os-escritos-de-ellen-white-e-aprovada/> Acesso em 16 dez. 2022.

SOUZA, Manoel Mendonça. **A importância da teoria dos papéis de J. Moreno para o bibliodrama**. 2014. 109p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

TESTONI, I. et al. Let’s start with the end: Bibliodrama in an Italian death education course on managing fear of death, fantasy-proneness, and alexithymia with a mixed-method analysis. **Omega**, v. 83, n. 4, p. 729–759, 2021.

TIMM, Alberto R. O uso de dramatizações na igreja. **Revista Adventista**, Vol. 90, n.9, p. 8-9, set. 1996. Disponível em <https://acervo.cpb.com.br/ra>. Acesso em 14 ago. 2022.

VAN DEN BERG, B.; SPEK, F. DER. The appropriation of symbolic language in worldview education through bibliodrama. **Education sciences**, v. 9, n. 2, p. 88, 2019.

VIGINI, Loredana. **Bibliodrama pastoral na catequese**: ferramentas expressivas e experienciais para comunicar o texto sagrado às crianças. 2. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2017.

VIGINI, Loredana. **Bibliodrama pastoral na catequese**: manual geral do método, 140 ferramentas para um encontro expressivo e experiencial com o texto bíblico – para jovens e adultos. São Paulo: Ave-Maria, 2019.

WHITE, Arthur L. **Ellen White**: mulher de visão. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015.

WHITE, Arthur L. **Representações dramáticas em Instituições Adventistas**. IN. Centro de Pesquisas Ellen G. White. Disponível em: <http://centrowhite.org.br/pesquisa/artigos/representacoes-dramaticas-em-instituicoes-adventistas/> Acesso em 16 dez. 2022.

WHITE, Ellen G. **Conselhos aos professores, pais e estudantes**. 5. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000.

WHITE, Ellen G. **Evangelismo**. 3. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

WHITE, Ellen G. **Fundamentos da educação cristã**. 2. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1996.

WHITE, Ellen G. **Mensagens escolhidas**. 2. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1987. v. 3.

WHITE, Ellen G. **O lar adventista**. 13. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

WHITE, Ellen G. **Patriarcas e profetas**. 16. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015.

WHITE, Ellen G. **Testemunhos para a igreja**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2009. v.4.

ZAVATTINI, Alessandro. **Giovani e Bibbia “narrativa”**: metodi attivi e interattivi per l'incontro con la parola di Dio. Padova: Editrice, 2020.